

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**Psicodrama e Dinâmica de Grupo: Re-criando possibilidades
para o Ensino de Psicologia na Universidade**

Liliana Aparecida de Lima

Prof. Dr. Carlos Alberto Vidal França

Este exemplar corresponde à redação final da
dissertação defendida por Liliana Aparecida de
Lima e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data: ____ / ____ / ____

Assinatura: _____

Comissão Julgadora

2000

Resumo

O presente estudo revela como 15 professores do Instituto de Psicologia e Fonoaudiologia da PUC- Campinas (IPF), que compõem a amostra pesquisada, vêm procedendo o ensino de suas disciplinas ao se utilizarem dos recursos Psicodramáticos do Role-Playing, Teatro Espontâneo e Jogos Dramáticos além do emprego de técnicas de Dinâmica de Grupo enquanto práticas pedagógicas.

Inicialmente o trabalho fundamenta-se teoricamente na Socionomia enquanto síntese do projeto geral de Jacob Levy Moreno e aponta em direção ao Psicodrama Pedagógico enquanto metodologia aplicada ao contexto educacional.

Compondo esta fundamentação, apresenta-se a Dinâmica de Grupo com sua história, aplicação ao domínio escolar e importância para a formação do Psicólogo.

Através da Análise de Conteúdo proposta por Laurence Bardin, os depoimentos possibilitaram a definição de 8 categorias sobre as quais se assentam as discussões que a amostra pesquisada revela.

De modo geral, há um predomínio da utilização dos recursos de técnicas grupais, bem como o reconhecimento do potencial favorecido e despertado no grupo quando do emprego destes recursos, que estão combinados com aulas expositivas e utilização de estratégias didáticas diversificadas.

Abstract

The actual study reveals how 15 professors from Psychology and Phonoaudiology Institute from PUC-Campinas (IPF), which are the part of the sample self sourced, have been acting as per teaching their disciplines using the resources such as Psychodramatic of the Role-Playing, Spontaneous Theater(Acting) and Dramatical Games, besides using Dynamic Group skills while pedagogical practices.

At first, this study is based theoretically in the Sociometry while synthesis of a general project from Jacob Levy Moreno aiming thru Pedagogic Psychodrama as a methodology applied into educational process.

In order to support this study, we have Dynamic Group with its history, school application and its importance at the Psychologist graduation.

Through the Content Analysis of Laurence Bardin's proposal,, the statements enabled the definition of 8 categories and over those were established the discussions revealed by the sample self sourced.

Altogether, there is a supremacy of group technics resources utilization, as well as a recognition of the favoured and awakened potential of the group when using so, which are also combined with expositive classes and used with a variety of didactic strategies.

MEUS AGRADECIMENTOS...

Ao meu orientador **Carlos França**, ego-auxiliar de primeira linha.

À minha mãe **Lourdeca**, que sempre me incentivou para os estudos e deu muita marmita para pagá-los. À você, quero que sente comigo para deliciarmos um pouco deste banquete.

À minha irmã **Marise**, que me ensinou com sua militância a lutar pelo que se quer, combinando indignação e doçura.

À minha 'amiga de grupo de nascença' **Viviana**, ter nascido com você continua sendo motivo de orgulho, força, combatividade e beleza.

À minha fada madrinha **Fernanda Barreto**, que acreditou em meu trabalho e creditou em mim a responsabilidade de cuidar, por uns tempos, da disciplina de Dinâmica dos Grupos e Relações Interpessoais.

Ao **Carmelo**, que com sua alegria e compreensão pode encarar alguns chopps desacompanhado.

À **Elaine** e **Maria Angélica**, amigas com quem continuo aprendendo muito sobre Psicodrama.

Aos meus queridos **mestres e alunos do Instituto de Psicodrama e Psicoterapia de Grupo de Campinas - IPPGC**, que nestes anos todos têm acompanhado minha luta pelo Psicodrama na Universidade.

Aos **meus mestres-alunos da PUC-Campinas**, vocês que muitas vezes deliciosamente me desafiaram e acreditaram que podíamos juntos criar espontaneamente nossos conhecimentos.

À **Glorinha** e **Carmem Ventura**, sempre compartilhando comigo suas empreitadas pelas atividades práticas de Dinâmica de Grupo.

À querida amiga **Inês**, que corrigiu a concordância do idioma português e digitou este trabalho com muita torcida e capricho.

À **Dalvinha**, que com presteza e competência se encarregou de traduzir o resumo da dissertação para o idioma inglês.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
OBJETIVOS	6
Capítulo 1 - PROJETO GERAL MORENIANO	8
1. Fundamentação Teórica	9
1.1. Apresentação de Jacob Levy Moreno	9
1.2. O Psicodrama no Brasil – Um breve relato	12
1.3. Socionomia	15
1.4. Prática Psicodramática	19
Capítulo 2 - PSICODRAMA PEDAGÓGICO	24
2. Alguns dados históricos	25
2.1. Método Educacional Psicodramático	26
Capítulo 3 - BREVE HISTÓRICO DA DINÂMICA DE GRUPO	30
3.1. O Homem Kurt Lewin	31
3.2. Dinâmica de Grupo	32
Capítulo 4 - TRAJETÓRIA METODOLÓGICA	37
4. A população pesquisada	38
4.1. A coleta de dados	40
4.2. Procedimentos para a Análise e Interpretação dos dados.....	42
Depoimento 1	45
Depoimento 2	47
Depoimento 3	49
Depoimento 4	53
Depoimento 5	55
Depoimento 6	57
Depoimento 7	58
Depoimento 8	59
Depoimento 9	61
Depoimento 10	64
Depoimento 11	65
Depoimento 12	67
Depoimento 13	70
Depoimento 14	72
Depoimento 15	74
Capítulo 5 - ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	76
Quadro 1	78
Quadro 2	79
Quadro 3	79
Quadro 4	80
Quadro 5	81
Quadro 6	82
Quadro 7	83
5.1. Categorização	84
5.2. Síntese das Unidades de Registro por Categoria	85
5.3. Interpretação dos Dados	99
Capítulo 6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
BIBLIOGRAFIA	109
ANEXO 1	118

INTRODUÇÃO

Ao longo de minha trajetória como docente, continuo me inquietando em relação à algumas questões que pedem respostas: Como vem sendo ministrada a Disciplina de Psicologia nas diversas Unidades Acadêmicas e portanto, para outras realidades profissionais além da graduação em Psicologia? Quais as estratégias de ensino e recursos didáticos utilizados pelos docentes em sala de aula? Há um incentivo para uma relação criativa e transformadora de ensino–aprendizagem ou as aulas magistrais, que caracterizam um ensino mais tradicional ainda predominam?

Acredito que estas e outras tantas indagações também acompanhem muitos dos que se dedicam à formação de profissionais das áreas de Saúde, Educação e Relações Humanas em geral, assim como suponho que os alunos também se questionem quanto as contribuições que a Psicologia poderá deixar para o exercício de suas futuras profissões.

Nesse sentido, venho conduzindo meu trabalho em sala de aula, proporcionando discussões amplas junto aos alunos, com vistas à uma reflexão de como é que esse novo papel – o profissional - está sendo construído.

Para atingir tal objetivo, utilizo-me freqüentemente de técnicas de Dinâmica de Grupo, bem como Técnicas Psicodramáticas; estas últimas, oriundas da Teoria Socionômica desenvolvida por Jacob Levy Moreno, conhecida e consagrada como Psicodrama.

Ao utilizar esses recursos didáticos em minhas aulas, fui percebendo o quão eficazes eles se apresentavam e, ao mesmo tempo, como eram instrumentos ricos e facilitadores da aprendizagem e das relações interpessoais entre os elementos do grupo, na medida em que congregavam o

conhecimento que estava sendo construído coletivamente com as experiências vividas pelo próprio grupo. Segundo Kaufman (1993:191),

“as técnicas dramáticas podem ser muito importantes no campo da didática, propiciando uma comunicação mais efetiva e plena entre educador e educando. A transmissão pura e simples da palavra, por meio das explicações teóricas, proporciona apenas uma aprendizagem nocional, conceitual, individualizada, sem preocupação com a integração social do aluno. E esta não - integração faz com que os alunos fiquem, de certa forma, isolados no tempo e no espaço, ligados a um ensino em que tem primazia a imitação e a reprodução.”

Estas estratégias de ensino têm demonstrado ser uma importante contribuição, por intermédio das quais a professora e os alunos podem discutir mais crítica e criativamente os temas da sociedade, seja num âmbito mais geral ou nas especificidades que vão aparecendo para os alunos ao se trabalhar os conteúdos previstos para as disciplinas citadas anteriormente.

Acredito, também, que minha formação como Psicóloga e Psicodramatista vem alicerçando a estruturação de meu papel como professora, bem como justifica meu interesse pelo tema.

Kaufman (1993:192), cita Clóvis Garcia, professor de Psicodrama Pedagógico da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, o qual classifica a aplicação prática do Psicodrama da seguinte forma:

1. Psicodrama Terapêutico
2. Psicodrama Pedagógico
 - 2.1. Técnicas Psicodramáticas Aplicadas ao Ensino
 - 2.2. Role - Playing
 - 2.3. Sociodrama

Ainda conforme Garcia (op. cit),

“Por esta classificação, entende-se por Técnicas Psicodramáticas Aplicadas ao Ensino, o emprego de dramatizações visando a compreensão e o aprofundamento de conceitos como por exemplo, ensinar dramaticamente o que é um delírio, um infarto do miocárdio.”

Destaco para minhas aulas, os recursos Socionômicos de Role-Playing, Teatro Espontâneo e Jogos Dramáticos, além de Dinâmicas de Grupo diversificadas.

Nesse sentido, apenas para efeito de esclarecimento ao leitor, passo à uma breve descrição destes recursos mencionados acima.

O **Role-Playing** *“se preocupa com o desempenho do papel, e aqui a finalidade é a percepção objetiva dos sentimentos e das atitudes dos outros, que desempenham o contrapapel correspondente”*. Kaufman (1993:193), por exemplo: para o papel de médico há o contrapapel de paciente; para o papel de mãe há o de filho; para o de professor há o de aluno. Neste jogo de papéis, a proposta é a de encontrar respostas mais apropriadas para a cena que está sendo vivida dramaticamente.

O Role –Playing é uma modalidade de teatro espontâneo apresentando-se como um recurso para o treinamento de determinados papéis, reproduzindo situações vividas ou imaginadas, sendo uma estratégia bastante utilizada em situações de supervisão, com vistas a encontrar a superação das dificuldades existentes no exercício de sua atividade profissional.

O Teatro Espontâneo,

“permite aos estudantes ensaiarem diferentes possibilidades de papel, pesquisarem a estrutura dinâmica de certos papéis, como os sociais, que recriados pelos participantes, transformam-se em papéis psico ou sociodramáticos.” Kaufman (1992:123)

Moysés Aguiar vem se destacando nestes últimos bons anos, juntamente com colaboradores, na empreitada de resgatar o valor e a

importância do Teatro Espontâneo, considerando-o mais amplo e básico do que o Psicodrama, tanto em termos de precedência histórica, como de abrangência e riqueza.

A preocupação básica de Moreno era fazer teatro e foi a descoberta de seu valor terapêutico que deu origem ao Psicodrama.

Neste sentido, o Teatro Espontâneo se coloca como sendo uma categoria geral, a partir da qual derivam outras modalidades psicodramáticas, tais como o Psicodrama, o Sociodrama, o Axiodrama e o Teatro Espontâneo atual. De qualquer forma, distinguir Teatro Espontâneo de Psicodrama, como se quem praticasse um e não praticasse o outro é no mínimo um sério equívoco teórico.

Os **Jogos Dramáticos**, são “dramatizações empregadas com o fim de proporcionar aos alunos uma introdução sem brusquidão à linguagem dramática. A utilização de jogos dramáticos permite que se desenvolva o trabalho num campo mais relaxado.” Kaufman (1992:123)

Júlia M. C. Motta, em seu livro **Jogos: Repetição ou Criação**, fez um levantamento sobre como alguns autores definem jogos dramáticos e conclui que não há um consenso sobre o tema. A autora nos oferece uma classificação dos diferentes tipos de jogos e ressalta que “na dramatização os personagens são criação da subjetividade histórica do ator e, no jogo dramático, os personagens são criação da subjetividade coletiva no ator.” Motta (1994:97)

A pesquisa de que trata esta dissertação é descrita em seis capítulos sendo que o primeiro, será dedicado à fundamentação teórica, passando pela apresentação do criador do Psicodrama, pela Socionomia enquanto síntese do Projeto Geral de Jacob Levy Moreno e pela Prática Psicodramática.

O segundo capítulo versará sobre o Psicodrama Pedagógico enquanto uma proposta de metodologia educacional.

O terceiro capítulo abordará a Dinâmica de Grupo, sua história, aplicação ao domínio escolar e importância para a formação do Psicólogo.

O quarto capítulo apresentará a Trajetória Metodológica e os procedimentos utilizados para alcançar os objetivos desta pesquisa.

O quinto capítulo se ocupará da Análise e Interpretação dos depoimentos obtidos através da Análise de Conteúdo considerada por Laurence Bardin (1977).

O sexto e último capítulo será para as Considerações Finais.

OBJETIVOS

Com base nas preocupações já mencionadas, proponho como objetivos desta dissertação:

1. Verificar se os professores que compõem a amostra pesquisada do Instituto de Psicologia e Fonoaudiologia da PUC - Campinas (IPF), se utilizam ou não, de técnicas Psicodramáticas e técnicas de Dinâmica de Grupo, enquanto recursos didáticos para proceder o ensino de suas disciplinas.
2. Interpretar, a partir do que emergir dos depoimentos destes professores, qual é o significado da utilização do Role-Playing, Teatro Espontâneo, Jogos Dramáticos e Dinâmica de Grupo enquanto recursos didáticos.
3. Averiguar como estes recursos didáticos estão sendo veiculados na prática docente destes professores, no intuito de contribuir com o processo de ensino-aprendizagem de Psicologia no referido Instituto.

"Que ele foi um espelho eloqüente das misérias e das grandezas, das mistificações e das glórias que nos atapetam o ser, são testemunhos o desprezo e a admiração concomitante que sempre despertou nos seus contemporâneos. Entretanto, quem o conheceu de perto, o descrevia como um homem simples, alegre, que gostava de reunir pessoas à noite e passar longas horas contando suas histórias. Na única ocasião em que estive em Beacon, e ele já estava morto, pude ver o respeito e a reverência que todos dedicavam à memória daquele que todos designavam simplesmente como "The Doctor". Com tudo isso, a verdade é uma só: se ele não tivesse nascido, todos nós, terapeutas, neuróticos, loucos, educadores, etc. teríamos perdido a chance de vislumbrar alguns clarões – fundamentais e únicos – no seio dessa imensa escuridão que envolve nosso universo comum. Não é razão mais do que suficiente para festejar e enaltecer o fato de ele um dia ter existido?"

Alfredo Naffah Neto

Capítulo 1
PROJETO GERAL MORENIANO

PROJETO GERAL MORENIANO

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1. Apresentação de Jacob Levy Moreno

“Ainda que sua obra e seu legado sejam de grande importância, a história de Moreno não foi ainda contada adequadamente.”

René F. Marineau

René Marineau em seu livro **Jacob Levy Moreno - 1889-1974: Pai do Psicodrama, da Sociometria e da Psicoterapia de Grupo**, desenvolveu um rico estudo histórico – biográfico sobre o homem Moreno, e serão deste livro muitas das informações que registrarei neste trabalho.

J.L. Moreno nasceu em 06 de Maio de 1889, em Bucarest, na Romênia e faleceu a 14 de Maio de 1974, em Beacon, cidade distante 90km de Nova Iorque. Sua família era de origem judaica e aos 5 anos de idade Moreno e os demais mudaram-se para Viena.

“Meu primeiro nome foi Jaques ou Jacobo, escrito por inteiro como Jacobo MORENO Levy, depois diminuído para J.L.MORENO, nos E.U.A. ...”
Cuschnir (1990:39)

Naffah Neto nos fala em **O Psicodramaturgo** (1990:14)

“ Quem foi, pois, esse homem, um farsante ou um gênio? Nem uma coisa nem outra, se as tomarmos como categorias exclusivas. Um pouco de cada uma, se as considerarmos como características imbricadas. Na verdade, todo farsante é um pouco gênio e todo gênio é um pouco farsante. A genialidade do farsante é uma qualidade dramática, capaz de tornar verossímil o que

representara. A farsa do gênio é toda a idealização, o carisma que o cercam e que ele termina por encarnar, aparecendo maior do que, de fato, é.(...)Pois Moreno foi, pelo modus operandi com que questionou e transformou a cultura de seu tempo, um pouco farsante e um pouco gênio”.

Aos quatro anos e meio de idade, Moreno e algumas outras crianças improvisaram uma brincadeira de ser Deus. Este jogo de ser Deus com os anjos, é referido mais tarde, pelo próprio Moreno, como sendo a primeira sessão psicodramática particular que conduziu, sendo ao mesmo tempo diretor e sujeito.

Crendo intensamente que era Deus, Moreno ousou um vôo do alto das cadeiras que tinham sido empilhadas para se chegar até ao céu e ao lançar-se no espaço, caiu e quebrou o braço direito na queda. Estava lançada sua idéia de espontaneidade como centelhas divinas em cada um de nós.

Em sua adolescência, Moreno e amigos fundaram a Religião do Encontro sob uma forte influência religiosa e se rebelando contra os costumes estabelecidos; barbudos e pobres, dividiam tudo o que possuíam: a pobreza.

Nos jardins de Viena conversavam com as pessoas que passavam e faziam jogos improvisados com as crianças, favorecendo-lhes a expressão da espontaneidade – são as Revoluções dos Jardins de Viena.

Antes da Primeira Guerra Mundial, tenta um trabalho com prostitutas, que poderia ser denominado de Psiquiatria Preventiva, onde pretendia fornecer-lhes instrumentos para que conseguissem ajudar-se mutuamente no aspecto psicológico.

Entre 1915 e 1917, desenvolve atividades num campo de refugiados tirolezes, onde observa as interações grupais e suas características psicológicas.

Formou-se em Medicina em 1917; fundou O Teatro Vienense da Espontaneidade em 1921, experiência que serviu de base para suas idéias sobre a Psicoterapia de Grupo e o Psicodrama. Moreno percebeu o valor

terapêutico das dramatizações e, a partir daí, o Teatro da Espontaneidade transforma-se no Teatro Terapêutico e este, por sua vez, transforma-se no Psicodrama.

Em 1º de Abril de 1921 – no Dia das Mentiras, deu-se o lançamento oficial do Psicodrama no Komodien Haus. Moreno apresentou-se sozinho, perante uma platéia de mais de mil pessoas. A proposta era fazer um Teatro Público para serem discutidas, dramaticamente, as questões vividas na Áustria do pós guerra.

Moreno relata que foi um fracasso; quando o espetáculo terminou, ninguém havia se considerado digno de tornar-se rei e o mundo continuou sem líderes. Percebe-se que aí está a passagem de sua fase religiosa para sua dedicação ao teatro, podendo investigar a espontaneidade no aqui e agora da peça encenada, sem preparação prévia, sem ensaios, sem script decorado.

Em 1922 Moreno funda o Teatro da Espontaneidade, a partir do qual transformaria o Teatro Tradicional com suas características estereotipadas, sua artificialidade nas dramatizações e sua distância da realidade do **aqui e agora**.

Em 1923, o famoso caso Bárbara-George deu início ao Psicodrama Terapêutico. Bárbara era uma atriz que atuava no Teatro da Espontaneidade e “expert” em encenar papéis doces, meigos e românticos.

George era um poeta e assíduo freqüentador do Teatro e, assistindo as performances de Bárbara, apaixonou-se por ela e acabaram se casando. Passado um tempo, George procura Moreno e diz que já não suportava Bárbara, que ela era grosseira, agressiva, e que estavam vivendo em uma profunda infelicidade.

Moreno começa então, a atribuir com mais freqüência, papéis mais agressivos para Bárbara desempenhar no Teatro e ela os encena com muita habilidade e competência. Aos poucos introduz o marido também nessa proposta, o qual passa a perceber diferenças em Bárbara e em si próprio.

O Teatro da Espontaneidade transforma-se em Teatro Terapêutico e este

no Psicodrama Terapêutico; aqui também, neste episódio, está o embrião do Psicodrama de casal e de família.

O Teatro da Espontaneidade encontrou resistência por parte do público e da imprensa; quando as cenas eram bem trabalhadas e a verdadeira espontaneidade se apresentava, suspeitava-se de um bom ensaio; quando as cenas eram mal trabalhadas, suspeitava-se de que a espontaneidade não funcionava.

Diante do pouco que havia conseguido na Áustria e desesperançado, em 1925 Moreno emigra para os Estados Unidos. Nesse período suas idéias ganharam credibilidade, respeito, e a necessidade de sistematizar seus conhecimentos, estruturando-os melhor, foi se tornando uma tarefa inadiável em direção a uma maior cientificidade à sua produção teórica.

Em 1931 introduz o termo Psicoterapia de Grupo publicando a primeira revista do gênero - "Impromptu". A partir daí, dedica-se em fundamentar e estruturar seus estudos sobre a Sociometria; sua atenção está voltada para a investigação e mensuração das relações interpessoais.

Em 1936, Moreno muda-se para Beacon House e constrói o primeiro Teatro de Psicodrama, onde funcionou até 1982 um centro de formação de profissionais, além de sessões semanais de Psicodrama Público.

O Psiquiatra Moreno morre em Beacon, aos 85 anos de idade, e pede para que na sua sepultura sejam gravadas as seguintes palavras:

“AQUI JAZ AQUELE QUE ABRIU AS PORTAS DA PSIQUIATRIA À ALEGRIA”

1.2. O Psicodrama no Brasil - Um Breve Relato

O Psicodrama chega ao Brasil ao final da década de sessenta, momento de ebulição política e cultural, de contradições e repressão política. Neste período, psiquiatras e psicólogos do Hospital do Servidor Público de São Paulo e

do Hospital das Clínicas de São Paulo estavam trabalhando com grupos em uma perspectiva analítica.

A partir desta modalidade de trabalhos grupais, estes mesmos profissionais trouxeram os primeiros psicodramatistas argentinos ao Brasil, que tornaram-se formadores dos grupos de estudos ficando constituído o primeiro núcleo de formação de Psicodrama em São Paulo.

Uma vez instalado na capital paulista, o Psicodrama foi se consolidando através da participação de profissionais renomados, e da oportunidade de se fazer uma formação em psicoterapia mais barata do que a formação psicanalítica. Vale ressaltar que os psicodramatistas argentinos que estavam responsáveis pela formação dos brasileiros também possuíam formação psicanalítica anterior.

A fundamentação teórica daquela época ficava restrita a poucos livros de Moreno e um livro de Bermúdez, que desenvolveu a Teoria do Núcleo do Eu, baseada nos conceitos de papéis psicossomáticos que Moreno criou ao construir sua Teoria de Papéis.

Em 1970, os primeiros psicodramatistas brasileiros organizaram em São Paulo, no MASP, um Congresso Internacional de Psicodrama. Zerka Moreno, esposa do criador do Psicodrama, confirma a versão de que Moreno recusou-se a comparecer ao congresso, que acabou sendo um divisor de águas no movimento Psicodramático brasileiro, surgindo duas sociedades de Psicodrama que rivalizaram entre si durante anos.

Alguns núcleos de formações e sociedades de Psicodrama já se espalhavam por outros estados do Brasil, por volta de 1977 e a realização do Congresso de Psiquiatria e Higiene Mental em Curitiba, situou o Psicodrama como capaz de produzir cientificamente e com qualidade.

A fundação da FEBRAP - Federação Brasileira de Psicodrama, surge para congregar e mediar o intercâmbio entre as federadas; organizar um congresso nacional de Psicodrama a cada dois anos e publicar uma revista científica

para divulgar as produções brasileiras, além de normatizar os cursos de formação em Psicodrama, estabelecendo um currículo mínimo (expressão que não aprecio muito, pois me faz lembrar do currículo mínimo estabelecido pela Lei de Diretrizes e Bases para a Educação - LDB e que vem sangrando a educação no nosso país), e critérios para a titulação de Psicodramatistas, Terapeutas de Alunos e Supervisores.

O primeiro Congresso Brasileiro de Psicodrama aconteceu em Serra Negra em 1978 e neste ano de 2000, realizaremos o nosso 12º Congresso Brasileiro em Águas de São Pedro.

Atualmente há uma extensa produção de livros e artigos brasileiros de reconhecimento internacional, superando a escassez de informações que chegavam via Bermúdez e Dalmiro Manuel Bustos, psiquiatra argentino que fez sua formação com o próprio Moreno e que influenciou e influencia até os dias de hoje, a trajetória de muitos psicodramatistas.

Na década de 80 aproximadamente, o Psicodrama brasileiro estava dividido em duas vertentes. A primeira que permanecia fiel aos ensinamentos de Rojas Bermúdez e uma outra tendência, influenciada por Dalmiro Bustos, autor de vários livros sobre Psicodrama e também com matizes psicanalíticas em sua formação profissional.

Nestes caminhos todos, profissionais importantes foram se destacando e suas produções sendo também alvo de críticas e de discussões férteis para o amadurecimento do Psicodrama no Brasil.

1.3. Socionomia

Segundo Aguiar (1990:141), *"Moreno abriu picadas para novos campos do saber e para novas abordagens, culminando sua produção visionária com a proposição de uma nova ciência, a Socionomia."*

Sócio – nomia, onde **Sócio** vem do latim **sociu**, cujo significado é **companheiro** e **nomia** vem do grego **nómos** que significa **regra, lei**, que **regula**; portanto a Socionomia é proposta por Moreno como o **estudo das leis do desenvolvimento social e das relações sociais**. O homem moreniano é relacional e social e portanto a inter-relação entre as pessoas é o pilar central de sua teoria.

São três as principais ramificações metodológicas da Socionomia:

1.3.1. Sociodinâmica

1.3.2. Sociometria

1.3.3. Sociatria

A **Sociodinâmica** **"estuda a estrutura e funcionamento dos grupos sociais, dos grupos isolados e das associações de grupo."**Kaufman (1992:58).Utiliza-se do Role-Playing enquanto método, que é o jogo dramático de papéis, realizado em situações imaginárias. A dramatização nesse tipo de jogo de papéis, auxilia na explicitação de conflitos do papel em questão, resolve expectativas contraditórias de papéis, oferece a oportunidade de colocar-se no lugar do outro, de jogar e ser o outro, favorecendo o exercício de um papel mais espontâneo e criativo.

A **Sociometria** é a **"Ciência da medida do relacionamento humano. Descreve e mede a dinâmica dos grupos, das relações sociais, a dinâmica inter e intra grupal."** Kaufman (1992:58). Seu método principal é o Teste Sociométrico, do qual resulta o Sociograma do grupo em questão. O Teste Sociométrico tem a finalidade de esclarecer a rede de vínculos que constituem a estrutura dos

grupos. O Sociograma é a expressão gráfica que objetiva a rede de relações de um grupo.

A **Sociatria** é a "**Ciência do tratamento dos sistemas sociais**. Propõe-se a tratar as relações, os vínculos, utilizando-se de seus três métodos: o Psicodrama (quando o foco é o indivíduo com todos os seus papéis), o Sociodrama (quando o foco é o grupo e a ênfase é colocada nos papéis institucionais) e a Psicoterapia de Grupo (com alternância de foco)." Kaufman (1992:58).

Segundo Almeida (1988:43), embora exista esta "divisão clássica, na prática o trabalho do psicodramatista é referido de modo genérico como foi consagrado pelo uso: Psicodrama".

Para definir o que significa Psicodrama, recorro à Kellermann (1998:24), que em seu livro **O Psicodrama em foco** propõe uma definição abrangente do termo:

"O psicodrama é um método psicoterápico no qual os clientes são estimulados a continuar e a completar suas ações, através da dramatização, do role-playing e da auto-apresentação dramática. Tanto a comunicação verbal como a não-verbal são utilizadas. No aqui e agora, são representadas várias cenas que retratam, por exemplo, lembranças de acontecimentos específicos do passado, situações vividas de maneira incompleta, conflitos íntimos, fantasias, sonhos, preparação para futuras situações de risco ou expressões improvisadas de estados mentais. Essas cenas tanto se aproximam de situações reais de vida como representam a externalização de processos mentais interiores. Quando necessário, os outros papéis podem ser desempenhados pelos demais membros do grupo ou por objetos inanimados. São empregadas várias técnicas, tais como a inversão de papéis, o duplo, o espelho, a concretização, a maximização e o solilóquio. Em geral, identificam-se no psicodrama as fases de aquecimento, dramatização, encerramento e compartilhamento."

Em relação à essa definição, no que se refere à fase de encerramento, cabe ressaltar que a palavra encerramento não é um conceito psicodramático original e não consta dos escritos de Moreno. O que se tem é que são três, as

fases preconizadas por Moreno para designar a prática psicodramática: Aquecimento (Inespecífico e Específico), Dramatização e Compartilhamento.

Para Kellermann(1998:25), “A principal vantagem apresentada por esta definição é o fato de deixar em aberto a opção para uma divisão mais clara das várias aplicações e estilos da prática terapêutica.”

O tripé básico da Teoria do Psicodrama visa articular a Teoria dos Papéis, a Sociometria e a Teoria da Espontaneidade – Criatividade.

Passo à uma breve comunicação em relação à Teoria dos Papéis e à Teoria da Espontaneidade-Criatividade, por entender que já mencionei a Sociometria anteriormente, localizando o leitor quanto à esta questão.

Moreno nos diz que é mais apropriado o conceito de papel do que o de personalidade, uma vez que os papéis estão relacionados a fatos observáveis e mensuráveis, definindo papel como **a menor unidade de conduta**.

Os papéis possuem em sua constituição duas dimensões: a de caráter privado e a de caráter coletivo, ou seja, “*seu denominador coletivo e seu diferencial individual.*” Almeida (1988:68)

Os papéis ensejam a idéia de relação; para cada papel que desempenhamos, há um contrapapel correspondente, ex: mãe-filho, patrão-empregado, professor-aluno, etc. e também com outra variável, a ação.

De acordo com Almeida(1988:68): “*papel é a unidade de condutas inter-relacionais observáveis, resultante de elementos constitutivos da singularidade do agente e de sua inserção na vida social*”.

Há na literatura, referências quanto aos conceitos de Papéis Psicossomáticos, que Moreno criou quando construiu a Teoria dos Papéis e que Aníbal Mezher, (Psiquiatra, Psicodramatista, professor-supervisor de Psicodrama), em um trabalho apresentado no II Congresso Brasileiro de Psicodrama, questiona a validade do mesmo.

Embora este artigo traga reflexões importantes, é necessário ressaltar que há, ainda hoje, profissionais que trabalham apoiados na Teoria do Núcleo do

Eu, criada por Rojas Bermúdez, assim como podem existir outros tantos que ainda balizam suas visões na Teoria da Matriz de Identidade, resultante de entendimentos distorcidos sobre o Psicodrama, por ocasião da publicação do livro **Psicodrama da Loucura** de Fonseca Filho mas que fazem parte da construção histórica do movimento psicodramático.

Também podemos citar os Pseudo-Papéis (construção de Bermúdez), Papéis Sociais, Papéis Psicodramáticos e Papéis Imaginários, estes últimos fruto de uma extensa reflexão de Alfredo Naffah Neto em seu livro **Psicodrama – Descolonizando o Imaginário**.

Em relação à Teoria da Espontaneidade – Criatividade, o que podemos dizer é que segundo Moreno, o homem nasce com recursos de espontaneidade e criatividade, como fatores que favorecem o adequado desenvolvimento da vida física, psíquica e relacional.

A espontaneidade e criatividade são, na verdade, potencialidades indissociáveis do comportamento humano. Todos temos uma boa reserva de criatividade, mas para que esse potencial se manifeste e se explicita, torna-se necessário haver espaço para a espontaneidade.

No entanto, por força de ambientes adversos e outras variáveis intervenientes, os elementos saudáveis da espontaneidade e criatividade vão sendo prejudicados e o indivíduo passa a ter dificuldades em dar respostas novas no dia a dia, ou respostas novas à situações já conhecidas, muitas vezes, dando respostas que carecem de adequação de pertinência ao contexto do momento dos acontecimentos.

As criações e repetições vão se tornando cristalizadas, de forma rígida dominadas pela inércia conservadora. Esse fenômeno recebe o nome de Conserva Cultural - é o ato criativo cristalizado, endurecido.

O Psicodrama se propõe a resgatar e recuperar o homem Psicodramático que existe em cada um de nós, com sua sensibilidade, genialidade e disposição para continuar criando.

1.4. Prática Psicodramática

A viabilização do Psicodrama enquanto prática se assenta sobre o tripé: **Contextos, Etapas e Instrumentos** os quais, articulados entre si, fazem acontecer a ação dramática proposta por Moreno. É importante ressaltar que, em atividades pedagógicas também são considerados os mesmos procedimentos.

1.4.1. Contextos

Metodologicamente, três contextos são considerados para o exercício da prática psicodramática: o **Social**, o **Grupal** e o **Dramático**.

1.4.1.1. Contexto Social

Segundo Landini (1998:60), *“o contexto social caracteriza-se pelo grau de compromisso e de responsabilidade com a realidade a que todos estão sujeitos (leis, regras, etc., estabelecidas pela sociedade)”*, é a realidade da vida e o cotidiano de cada um.

O contexto social é constituído pela realidade social tal **como ela é**, com suas determinações de espaço e tempo concretos.

1.4.1.2. Contexto Grupal

“Por contexto grupal entende-se tudo aquilo que se passa no aqui dentro da sessão. Nele, o compromisso com a realidade do cotidiano permeia a relação.” Landini (1998:60)

O contexto grupal é constituído pela realidade grupal tal **como ela é**, dentro de uma determinação de espaço e tempo escolhidos e delimitados e é onde se delinea o trabalho a ser desenvolvido com os membros do grupo.

1.4.1.3. Contexto Dramático

“No contexto dramático, o compromisso com a realidade se desfaz. A realidade e a fantasia têm o mesmo espaço.” Landini (1998:62)

Este contexto constitui-se pela realidade dramática no **como se**; seu tempo é fenomenológico, subjetivo e virtual, tanto quanto seu espaço; o lugar

é para o imaginário e para a fantasia. Presente, passado e futuro são trabalhados em um só tempo.

1.4.2. Etapas

As etapas do Psicodrama são três: **Aquecimento**, **Dramatização** e **Compartilhamento**.

1.4.2.1. Aquecimento

É o momento em que o grupo se mobiliza para a ação, em que se delineia e surge o protagonista (sujeito que emerge para a ação dramática e que veremos mais aprofundadamente em outro tópico do trabalho). O aquecimento se sub-divide em dois momentos:

- **Aquecimento Inespecífico (1º momento):** *“pode ser verbal ou corporal e termina com a emergência do protagonista que poderá ser um indivíduo ou o próprio grupo.”* Gonçalves (1988:101)
- **Aquecimento Específico (2º momento):** *“é o aquecimento do protagonista preparando-o para a ação dramática.”* Gonçalves (1988:101)

1.4.2.2. Dramatização

“É a ação dramática propriamente dita, onde o protagonista irá dramatizar (representar), no contexto dramático figuras de seu mundo interno, presentificando seu conflito no cenário.” Gonçalves (1988:101). Aqui, a ideia é buscar uma resolução dramática do que está sendo exposto e elucidado.

1.4.2.3. Compartilhamento

Segundo Moreno, é o momento da participação terapêutica do grupo, onde cada indivíduo expõe seus sentimentos em relação ao que foi dramatizado. Nessa etapa, têm prioridade as emoções e os sentimentos diante do vivido; cada participante, de volta ao contexto grupal, pode extrair o que de seu está contido no trabalho realizado.

Cabe aqui um destaque para o que se denomina de comentários ou processamento.

Segundo artigo de Moysés Aguiar em co-autoria com Miriam Tassinari e reformulado para publicação do livro **Teatro Espontâneo e Psicodrama**, compartilhamento e processamento são diferentes em suas finalidades, natureza de seus conteúdos e em relação ao interlocutor.

O compartilhamento se dá dentro da sessão Psicodramática e os comentários se dão fora dela, e ocorre quando o grupo é formado por alunos que necessitam explorar didaticamente o acontecido durante o evento com vistas ao aprimoramento do seu papel profissional, "e é isso que provoca confusões, como se o processamento fosse uma quarta etapa, obrigatória, da própria sessão." Aguiar (1998:211)

1.4.3. Instrumentos

Ainda conforme Gonçalves (1988:99), os instrumentos do Psicodrama são cinco:

1.4.3.1. Cenário: Espaço multidimensional e móvel onde ocorre a ação dramática.

1.4.3.2. Protagonista: Segundo Luís Falivene Roberto Alves, Psiquiatra, Psicodramatista, Professor e Supervisor de Psicodrama, em artigo publicado em revista, (1994) destaca a necessidade de melhor definir o que significa protagonista.

O autor ressalta que no contexto grupal, já pode ser identificado um movimento protagônico que está presente e circulando, mas é no contexto dramático que se dará o surgimento do protagonista.

Para Falivene "*protagonista é o elemento do contexto dramático que surge através de um personagem no desempenho de um papel, questionador de sua ação e sua emoção, e representante emocional das relações estabelecidas entre os elementos de um grupo, ou entre diretor-cliente, que têm um projeto dramático comum.*" Alves (1994:50)

Seu artigo também chama a atenção para o que denomina de **emergente grupal**, que não pode ser confundido com o protagonista. O

"emergente grupal é o elemento do grupo que, indicado ou escolhido, conflui para si a problemática pessoal dos demais participantes do grupo." Alves (1994:53)

Esta confluência é possível, a partir da interação entre os integrantes de um grupo, configurando-se uma sociometria em torno de um elemento do grupo.

1.4.3.3. Diretor: É o terapeuta que coordena a sessão e tem três funções: diretor de cena, terapeuta do protagonista e do grupo e analista social.

1.4.3.4. Ego-Auxiliar: É o terapeuta que interage em cena com o protagonista e tem três funções: ator, auxiliar do protagonista e observador social. Elementos do grupo podem exercer a função ego-auxiliar em situações específicas.

1.4.3.5. Público ou Platéia: É o conjunto dos demais participantes da sessão Psicodramática.

Destaca-se a utilização do Psicodrama "principalmente em três áreas de intervenção social e que na prática se misturam e interpenetram." Kaufman (1993:193)

1. Psicoterápica
2. Pedagógica
3. Comunitária

Para o trabalho em questão, o foco será na área pedagógica, comumente denominado de Psicodrama Pedagógico, que descreverei detalhadamente em capítulo posterior.

"...A Dicotomia entre psicodrama 'terapêutico' e 'aplicado', cisão sacramentada na esmagadora maioria das estruturas institucionais, não favorece nem um pouco essa expansão. Principalmente porque a tendência é enobrecer o primeiro e avassalar o segundo. Como se este último se caracterizasse - como o próprio nome indica - por ser um psicodrama de segunda categoria, o que possibilita a seus utilizadores terem um preparo mais limitado do que seus colegas (?) da corte, (...). Maria Alícia Romã dá a volta por cima e não se deixa cair na armadilha desse debate estéril. Mostra o psicodrama na sua mais plena fecundidade, ambientando e dizendo a que veio, justamente numa área em que pontificam inexpugnáveis notoriedades: a educação."

Moysés Aguiar

Capítulo 2
PSICODRAMA PEDAGÓGICO

PSICODRAMA PEDAGÓGICO

2. ALGUNS DADOS HISTÓRICOS

O exercício do Psicodrama em situações de ensino tem recebido diversas nomenclaturas, a saber: Zerka Moreno denomina de Psicodrama Didático (1975:46); Espina Barrio & Rubio Sanchez de Psicodrama Educativo (1991:105-110) e Romaña de Psicodrama Pedagógico (1985:14) ou simplesmente Psicodrama Aplicado à Educação (1986: 238-241).

Maria Alicia Romaña é educadora, argentina, e reside no Brasil há muitos anos, sendo reconhecidamente uma das principais responsáveis pela introdução do Psicodrama Pedagógico entre nós.

Romaña teve seu contato com o Psicodrama como paciente de Psicoterapia em Buenos Aires e cuja sessão era dirigida pelos doutores Rojas Bermudez e Fiasqué.

Naquele tempo, Alicia estava procurando um método didático com substrato fenomenológico sobre a educação e pode reconhecer no Psicodrama a possibilidade de materializar sua busca.

Em 1963 foi formada a Asociación Argentina de Psicodrama y Psicoterapia de Grupo e Romaña fez sua formação específica para psicoterapia durante três anos.

Uma sistematização psicodramática que pudesse ser aplicada à Educação era meta constante e existiam questões a serem respondidas, tais como: de que forma introduzir as dramatizações em sala de aula; como aconteceria a organização do conhecimento no aluno quando se trabalha através de técnicas psicodramáticas; quais as que podem ser utilizadas na situação de aprendizagem; qual o grau de mobilização emocional compatível

com a situação de aprendizagem; como organizar-se o educador na coordenação das dramatizações; se a espontaneidade-criatividade pode ou não ser orientada; quais das formas prováveis de realização das dramatizações e a mais adequada para a situação de aprendizagem e etc.

Em Agosto de 1969, no IV Congresso Internacional de Psicodrama, em Buenos Aires, aconteceu a apresentação oficial do Psicodrama Pedagógico e Romana foi convidada para orientar a formação psicodramática de educadores na cidade de São Paulo.

Alicia responsabilizou-se por essa formação de educadores no Grupo de Estudos de Psicodrama de São Paulo e foi dado um nome a esse curso -

Psicodrama Pedagógico

Romana desenvolve seu entendimento de que há diferentes estágios pelos quais passa a ação psicodramática, criando o que denominou de Método Educacional Psicodramático destinado a aprendizagem de conceitos e à elaboração de conhecimentos.

2.1 Método Educacional Psicodramático

A base do método são dramatizações que permitem aproximações sucessivas do conceito ou do objeto de conhecimento. Destacam-se três níveis de dramatizações:

2.1.1. Nível Real: A dramatização é real e se realiza no plano da experiência dos alunos ou dos dados de referência; a aproximação do conhecimento se dá a partir do que estes alunos já possuem intuitiva ou emocionalmente acumulado sobre o tema que será exteriorizado.

Quando se dramatiza o conhecimento no nível da realidade ou da experiência, objetiva-se carregar o campo do conhecimento com a maior quantidade de experiência que o grupo possa fornecer com relação a ele, e dar ao conhecimento o tom afetivo próprio desse grupo.

Inicialmente o grupo propõe o que se sabe a respeito das coisas ou de como elas ocorreram, com um mínimo de elementos e de ação e aos poucos procura-se fazer com que a cena ganhe mais vida, atividade, compromisso, riqueza.

Caberá ao professor/diretor da cena dramatizada, trabalhar com este conhecimento tal como o grupo o vivencia; possibilitar os comentários a partir do vivido e no estágio seguinte, proporcionar dramatizações sobre o mesmo tema.

2.1.2. Nível Simbólico: A dramatização é simbólica; o conhecimento se aproxima racionalmente; é o momento dos alunos elaborarem conceitualmente o que sabem, simbolizando pela abstração os elementos generalizadores que o conhecimento em pauta possui.

Este momento propicia a síntese e a distinção do que é fundamental e do que é acessório no processo de aprendizagem. Deixa-se o terreno da realidade e coloca-se a dramatização no nível simbólico. Neste momento o aluno realiza o esforço de subir o degrau desejado do ponto de vista da aprendizagem e não o faz sozinho, todo o grupo contribui para chegar à conceitualização desejada e o conhecimento revela-se independentemente do momento em que ele é conhecido.

Cabe novamente ao professor/diretor, amalgamar juntamente com os alunos a elaboração deste conjunto.

2.1.3. Nível da Fantasia: A partir dos momentos anteriores, o conhecimento que vem sendo garantido e enriquecido poderá ser provado, aplicando-o a situações novas ou associando-os a outros conhecimentos.

Finalmente, coloca-se à prova o conhecimento sobre o qual se está trabalhando quando a fantasia é facilitada pela espontaneidade liberada pela dramatização.

O conhecimento é inserido em esquemas e associações novos, indicando ter sido possível algum nível de elaboração e incorporação do mesmo.

Há que se mencionar as microdramatizações, que são realizadas a nível simbólico, com duração oscilando entre quinze a vinte minutos e que geralmente são utilizadas para se recordar conceitos já adquiridos e necessários para desenvolver temas correlatos, além de poderem ser empregadas para avaliar rapidamente um conhecimento.

Podemos destacar a utilização pedagógica do Método Educacional Psicodramático nas seguintes indicações:

- Como método no processo de construção do conhecimento;
- Role-playing na estruturação de papéis que dizem respeito à instituição escolar;
- Sociodramas para considerar situações de conflito das classes ou na instituição como um todo;
- Jornal vivo para dar novos tratamentos às notícias veiculadas pelos meios de comunicação, especialmente jornais e revistas;
- Teatro Espontâneo para percepção de conteúdos subjacentes na compreensão da realidade.

No que diz respeito às técnicas psicodramáticas utilizadas na atividade pedagógica, elas são: a **inversão de papéis**, o **solilóquio** e a **interpolação de resistências**. Segundo Aguiar(1988:47),

na **inversão de papéis** *“o protagonista deixa de desempenhar o seu próprio personagem na cena, e passa a representar o que com ele está contracenando. E vice-versa. Nessa troca, ambos têm a oportunidade não apenas de se ver de fora mas de se ver e sentir a partir da posição do outro.(...)O pressuposto teórico que informa essa medida é de que esse é o estágio mais avançado do processo de aprendizagem de um papel, assim como do processo da construção da identidade. A inversão de papéis na vida real constituiria assim a grande meta perseguida no processo psicodramático. Isso significa que quanto mais uma dada pessoa consegue fazer verdadeiras inversões, sentindo a situação como se fosse o parceiro, mais em condições ela está de desempenhar seus papéis vitais.”*

O **solilóquio** *“consiste em solicitar ao protagonista, e às vezes a vários personagens envolvidos numa cena, que, enquanto atua, fale como*

se estivesse pensando alto, ou faça exclamações que permitam perceber melhor seus pensamentos, sensações e sentimentos, mesmo que eles sejam contrários ao desempenho que estiver fazendo nesse momento. Essa fala, no entanto, é feita como se a pessoa estivesse sozinha. Portanto não requer resposta.” Romana, (1992:53)

Quanto à **interpolação de resistências** “esse recurso equivale a uma desestruturação brusca de uma relação estereotipada, com a inserção de um fato novo, que vai exigir uma atuação diferente.” Aguiar, (1988: 46)

A partir desses conhecimentos e com uma formação psicodramática mais consolidada, os professores e/ou trabalhadores da educação em geral, têm o instrumental necessário para trabalhar os conteúdos em sala de aula.

Enquanto método educacional, o Psicodrama Pedagógico possui características essencialmente sociais, na medida em que guarda a mesma visão de homem que norteia a filosofia Moreniana, ou seja, um homem em relação, cujas características principais são a espontaneidade, a criatividade e a capacidade de perceber-se a si mesmo e ao outro, com amplitude e profundidade.

É uma perspectiva viva e atuante, que favorece a aquisição do conhecimento e o aperfeiçoamento das relações interpessoais, englobando diferentes níveis de ensino e que considera a realidade social e política mais ampla.

Capítulo 3
BREVE HISTÓRICO DA DINÂMICA DE GRUPO

BREVE HISTÓRICO DA DINÂMICA DE GRUPO

3.1. O HOMEM KURT LEWIN

Kurt Lewin nasceu a 9 de Setembro de 1890 em Mogilno, na Prússia. Cursou seus estudos nas Universidades de Berlim e Friburgo. Primeiro vieram a Química, a Física e a Filosofia e só mais tarde mostrou-se interessado pelos estudos em Psicologia.

Em 1926 torna-se professor titular de Psicologia da Universidade de Berlim.

Segundo informa Ernest Cassirer, um de seus professores de Filosofia, Lewin via a ciência como uma aventura mal conhecida e trouxe o estudo da emoção humana para uma experimentação psicológica.

Kurt Lewin era psicólogo, judeu, um inveterado esperançoso e tinha um profundo respeito pelas pessoas. Foi banido de sua pátria em 1933; sua mãe morreu em uma câmara de gás.

Emigrou para os Estados Unidos em 1935, país adotado por ele; foi convidado para ensinar na Universidade de Stanford (Califórnia), depois na Universidade de Cornell em Nova York. Dirige um centro de pesquisas na Universidade de Iowa e em 1940 torna-se professor na Universidade de Harvard. Morreu subitamente a 12 de Fevereiro de 1947 aos 56 anos de idade.

A obra de Lewin continua, com a criação do First National Training Laboratory in Group Development (NTL) POR UM DE SEUS ALUNOS, Leland Bradford.

Nos Estados Unidos encontrou-se com fortes correntes de anti-semitismo, de racismo e com minorias oprimidas. Era um homem que temia a disseminação do totalitarismo e a destruição da democracia, a menos que as forças de pesquisa, educação e ação pudessem se unir, eliminando a injustiça social na resolução sábia de conflitos intergrupais.

Os seus medos serviram-lhe de alavanca para os seus esforços em direção ao compromisso de promover as transformações necessárias às contradições e tensões intergrupais. Segundo Mailhiot (1991:13),

"de fato, ele não errava ao temer ao pior, quando se pensa que depois de Lewin existe um número espantoso e sempre crescente de amadores improvisados, sem formação profissional adequada, que propõe, em nome da dinâmica de grupo, um conjunto de receitas seguras a fim de manipular de modo eficaz, com os objetivos mais inconfessáveis, qualquer grupo!"

3.2. DINÂMICA DE GRUPO

A palavra Dinâmica tem sua origem no grego dynamikos, que significa potente, forte, derivada de dynamis que significa força, potência. Neste sentido, pode-se dizer que etimologicamente a expressão Dinâmica de Grupo significa potência de grupo, força de grupo.

A Dinâmica de Grupo surge nos Estados Unidos como campo de pesquisa em 1936 e deve-se ao psicólogo alemão Kurt Lewin a expressão Dinâmica de Grupo como uma abordagem científica sócio – psicológica.

Ao utilizar a expressão Dinâmica de Grupo, Lewin refere-se às forças que existem no grupo e a define como "o estudo das forças que interagem no grupo", e a base de sua 'teoria de campo' é o estudo das forças que fazem com que o grupo se mantenha em estado de equilíbrio e que a mudança ocorrerá quando, ou debilitar as forças restritivas, ou fortalecer as forças propulsoras.

A Dinâmica de Grupo, tanto do ponto de vista teórico quanto do prático, tem contribuído em diversas outras áreas de especialização do conhecimento e das atividades psicológicas.

"Em três domínios em particular se destacam fecundas contribuições da Dinâmica de Grupo: o organizacional - industrial, o de Psicologia clínica e o da Psicologia escolar ou aplicado ao ensino." Barreto (1994:24)

O amplo e cuidadoso levantamento realizado por Barreto(1994) em sua dissertação de mestrado **Dinâmica de Grupo: Alguns Dados Históricos e o Processo de Ensino-Aprendizagem**, nos conta que Kurt Lewin se interessava, mais particularmente, em conhecer através de pesquisas com pequenos grupos, os macro fenômenos sociais, dedicando-se ao estudo de minorias e suas conseqüências, principalmente as judaicas.

Sua teoria, denominada Teoria de Campo, dedicava-se a entender “*a coesividade do grupo e a interdependência de seus membros, influenciando esses últimos a permanecer no grupo*”. Kaplan e Sadock (1996:22)

Ainda a partir do levantamento histórico realizado por Barreto(1994), as investigações que proporcionaram o nascimento e expansão do movimento de Dinâmica de Grupo não só nos Estados Unidos mas para outros países, datam da segunda metade dos anos trinta. A pesquisa experimental de Dinâmica de Grupo sobre autocracia e democracia, realizada por Lewin, juntamente com Ronald Lippitt e, o estudo sobre comportamento agressivo em climas sociais criados experimentalmente, com a colaboração de Lippitt e White, encontram-se divulgados na revista Sociometry e Journal of Social Psychology, datadas de 1938 e 1939 respectivamente.

Na década de 40, Nacional Training Laboratories, foi desenvolvido o primeiro dos modelos de treinamento de pequeno grupo, em Bethel, Maine. A idéia era a de “*demonstrar a modificação de primitivos processos grupais, a partir do desenvolvimento da confiança, da espontaneidade e do aumento da proximidade e sensibilidade entre os membros do grupo.*” Kaplan e Sadock (1996:23)

Barreto (1999: 2-3), em artigo baseado em pesquisa, aponta que em 1944, Kurt Lewin organiza e dirige o primeiro centro de pesquisas em Dinâmica de Grupo no MIT – Massachusetts Institute of Technology, centro este que muda-se para a Universidade de Michigan, após sua morte em 1947. No Brasil, no início dos anos 60, no Centro de Psicologia Aplicada, no Rio de Janeiro,

realizavam-se seminários de Dinâmica de Grupo e Psicodrama, sob a coordenação de Pierre Weil.

O trabalho com a dinâmica dos grupos em geral e o trabalho com Dinâmica de Grupo especificamente, vem apontando a existência de diferentes abordagens que balizam a leitura da dinâmica grupal e que portanto, sustentam formas e ideologias diferentes diante do trabalho com grupos.

Podemos mencionar as idéias de alguns autores mais representativos no campo das pesquisas com grupos, a fim de que possamos tomar contato com suas proposições que certamente são fruto de suas raízes históricas e teóricas sobre como compreendem o movimento grupal.

Neste momento, elencarei as referidas abordagens e querendo ser fiel às falas de seus próprios autores, espero que o leitor não se aborreça com as pequenas citações literais de cada um deles.

Cartwright e Zander (1967:10), propõem, em uma abordagem tradicional, que a Dinâmica de Grupo

“se defina como um campo de pesquisa dedicado ao conhecimento progressivo da natureza dos grupos, das leis de seu desenvolvimento e de suas inter-relações com indivíduos, outros grupos e instituições mais amplas.”

Temos também as idéias de Lapassade (1977:227), que em uma abordagem dialética propõe que a

“Dinâmica de Grupo leva na realidade, a uma dialética dos grupos. O emprego do termo dialética justifica-se desde que por ele se entenda uma lógica do inacabamento, da ação sempre recomeçada.”

Lane (1985:90), aponta para uma visão materialista histórica da Dinâmica de Grupo, onde

“o estudo de pequenos grupos se torna necessário para entendermos a relação indivíduo – sociedade, pois é o grupo

condição para que ele supere a sua natureza individualista, se tornando um agente consciente na produção da história social."

De maneira geral, o excelente trabalho de David Zimerman e Luiz Carlos Osório no livro **Como trabalhamos com grupos**, traz a idéia de que:

"O ser humano é gregário por natureza e somente existe, ou subsiste, em função de seus inter-relacionamentos grupais. Sempre, desde o nascimento, o indivíduo participa de diferentes grupos, numa constante dialética entre a busca de sua identidade individual e a necessidade de uma identidade grupal e social." Zimerman(1997:26)

Há também diferentes concepções que direcionam a atuação do profissional que trabalha com grupos, tais como: a idéia de Dinâmica de Grupo enquanto um tipo de ideologia política com vistas às formas de organização e direção dos grupos, ou ainda, como um conjunto de técnicas, e também como um campo de pesquisa dedicado a obter conhecimento a respeito da natureza dos grupos, das leis, de seu desenvolvimento e de suas inter-relações com os indivíduos, outros grupos e instituições mais amplas.

O surgimento da Dinâmica de Grupo, possibilitou a fundamentação de diversos trabalhos com grupos, tais como a Psicologia da Gestalt criada por Frederick Pearls, o Psicodrama criado por Jacob Levy Moreno, bem como as contribuições de Rogers e Maslow com o movimento humanista e as de Pichon Rivière com grupos operativos, em suas aplicações clínica, escolar, no ensino e em outros contextos.

Zimerman (1997:422), aponta a Dinâmica de Grupo como sendo:

"um vértice dialético com o qual se articulam a psicanálise, o psicodrama e a teoria sistêmica, enquanto um tripé básico de sustentação das teorias grupais. A Dinâmica de Grupo seria a argamassa e as demais teorias os tijolos da construção das abordagens grupais."

A Dinâmica de Grupo presta relevantes contribuições para a atuação profissional e a compreensão de problemas em numerosos outros domínios da

Psicologia, como Psicologia Comunitária, o Aconselhamento Psicológico, a Psicologia Jurídica e Criminológica, a Psicologia da Saúde e Hospitalar, a Psicologia dos Esportes e outros.

Concluindo, espero que as colocações feitas até o momento tenham localizado o leitor no universo da Dinâmica de Grupo, a fim de que possamos nos referenciar nele por ocasião das discussões dos dados que a pesquisa poderá revelar.

Capítulo 4
TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

4. A POPULAÇÃO PESQUISADA

Estima-se que o Instituto de Psicologia e Fonoaudiologia da PUC-Campinas (IPF), congregue atualmente um universo de aproximadamente 128 professores, sendo que 20 destes pertencem ao curso de Fonoaudiologia e cerca de 108 docentes pertencem ao curso de Psicologia.

Estes professores compõem os seis departamentos do referido Instituto, a saber: Departamento de Psicologia Social e da Personalidade (o mesmo departamento ao qual pertence a autora); Departamento de Psicologia Clínica; Departamento de Psicologia Geral e do Desenvolvimento; Departamento de Psicologia das Organizações e do Trabalho; Departamento de Psicologia Escolar e da Aprendizagem e Departamento de Fonoaudiologia.

É importante ressaltar, que há professores que por ministrarem disciplinas diversas, pertencem a mais de um departamento simultaneamente. Hoje há docentes pertencentes ao Curso de Pós-Graduação, que também ministram disciplinas na graduação e por isso estão sendo considerados para a pesquisa em questão.

Sabe-se que alguns professores vêm desenvolvendo atividades docentes que envolvem, em maior ou menor grau, a utilização de práticas Psicodramáticas e de Dinâmica de Grupo.

Estas informações são socializadas por ocasião das reuniões de planejamento das disciplinas e abrem a possibilidade de tomarmos conhecimento sobre os professores que se utilizam ou não de tais recursos ao ministrarem os conteúdos programáticos planejados aos alunos.

Neste sentido, a autora compreende que esta amostra de professores é passível de ser pesquisada, indagando estes docentes sobre como vêm trabalhando suas propostas pedagógicas.

4.1. A Coleta de Dados

Foi entregue a estes professores, uma folha com a seguinte questão:

“Você se utiliza de técnicas de Dinâmica de Grupo e técnicas Psicodramáticas em sua prática docente? Sim ou não?

Se sim, qual o significado que estas técnicas têm para você?

Se não, quais outras técnicas você utiliza em sua prática docente e qual o significado que estas técnicas têm para você?”

Esta folha contendo a questão acima mencionada, foi acompanhada de uma carta da autora esclarecendo aos professores sobre os propósitos da pesquisa e solicitando sua colaboração. (Anexo 1)

Estão sendo citadas quais são as técnicas Psicodramáticas que estão sendo consideradas para este estudo, uma vez que são específicas para quem possui uma formação em Psicodrama e podem não ser tão familiares quanto as diversas técnicas de Dinâmica de Grupo existentes.

Este documento foi respondido por escrito e devolvido o mais breve possível, sendo colocado em espaço devidamente identificado e reservado para a autora na sala dos professores(escaninho) ou enviado por correio eletrônico (e-mail).

A escolha dos professores que compõem a amostra pesquisável se deu, levando-se em consideração, em um primeiro momento, os professores pertencentes ao mesmo departamento da autora e na seqüência, os professores dos demais departamentos do curso de Psicologia e sobre os quais a autora dispunha de algumas informações sobre suas práticas docentes, mediante contatos acadêmico-pedagógicos em reuniões de planejamento intra e inter departamentais.

No intuito de obter os colaboradores para a pesquisa e contando com eventuais perdas nas devoluções da mesma, a autora entregou 25 envelopes

nominais que também foram deixados nos escaninhos de cada um dos professores.

Foram devolvidos 15 folhas de questões e serão estes os depoimentos dos professores considerados para o estudo mencionado.

4.2. Procedimentos para a Análise e Interpretação dos Dados.

4.2.1. A Análise dos Dados.

A análise dos dados obtida através dos depoimentos, será baseada na Análise de Conteúdo considerada por Bardin(1977:38), "*como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens*".

De acordo com esta autora, a Análise de Conteúdo passa por três fases diferenciadas, a saber: a pré-análise; a exploração do material e o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

4.2.1.1. A pré-análise, diz respeito à organização, onde os documentos a serem analisados serão selecionados, as hipóteses e os objetivos serão formulados e os indicadores que fundamentarão a interpretação final serão elaborados.

4.2.1.2. A exploração do material, que após vencidas as etapas da pré-análise, consiste em administrar sistematicamente as decisões tomadas.

4.2.1.3. Tratamento dos resultados obtidos e interpretação, se refere a codificação que permite a transformação sistemática dos dados brutos em **unidades**, a fim de alcançar uma representação do conteúdo, ou da sua expressão, esclarecendo ao pesquisador acerca das características do texto. Estas unidades são:

4.2.1.3.1. Unidades de Registro considerada por Bardin (1977:104), como sendo "*a unidade de significação a codificar e corresponde ao segmento de conteúdo a considerar como unidade de base, visando a categorização e a contagem frequencial.*" Entre as Unidades de Registro mais

utilizadas, podem ser citadas: a palavra, o tema, o objeto ou referente, o personagem, o acontecimento e o documento.

4.2.1.3.2. Unidades de Contexto, maiores que as **Unidades de Registro**, cuja função é *"compreender a significação exata da unidade de registro. Isto pode, por exemplo, ser a frase para a palavra e o parágrafo para o tema"*. Bardin (1977:107)

Para o trabalho em questão, serão utilizadas como **Unidades de Contexto**, cada um dos depoimentos fornecidos pelos professores a serem pesquisados e, como **Unidades de Registro** as sentenças ou conjunto de sentenças significativas para a categorização.

4.2.1.3.3. Categorização

Proceder-se-á então, todo o material coletado **à Análise Categorical ou Categorização**, que é como nos diz Bardin (1977:117),

" uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero(analogia), com os critérios previamente definidos. As categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos(unidades de registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão dos caracteres comuns destes elementos."

Para esta pesquisa, a categorização empregada será a da análise temática, que designa uma das possibilidades de trabalho categorial e que de acordo com Bardin (1977:105), *"consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem a comunicação e cuja presença, ou freqüência de aparição podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido."*

4.2.2. Interpretação dos Dados

Uma vez sendo feitas as leituras dos depoimentos dos professores(Unidades de Contexto) e identificadas as Unidades de

Registro(sentenças ou conjunto de sentenças significativas para a categorização), proceder-se-á a definição de categorias, baseadas naquilo que emergiu do discurso dos professores em seus depoimentos, tendo como indicadores, se os professores se utilizam ou não de técnicas de Dinâmica de Grupo e Técnicas Psicodramáticas , enquanto recursos didáticos em sua prática docente.

Este levantamento das Unidades de Registro e posterior reagrupamento em categorias, possibilitará um amplo espectro dos significados expressos pelos professores em seus discursos.

Com base na trajetória acima explicitada, foram adotados os seguintes passos:

1. Coleta dos Depoimentos
2. Transcrição dos Depoimentos na íntegra
3. Levantamento das Unidades de Registro
4. Categorização
5. Síntese das Unidades de Registro em cada categoria
6. Interpretação dos Dados

A seguir passo a apresentar os depoimentos na íntegra e as Unidades de Registro correspondentes, que não estão alocados como anexo, de tal modo a facilitar para o leitor o conteúdo imediato dos discursos dos professores. Assim procedendo, a intenção é de que a leitura dos depoimentos proporcione uma visão geral do todo, visando um melhor entendimento das partes quando analisadas.

Depoimento 1

“Infelizmente não. Dou aulas para classes com número muito grande de alunos (75/80/100/105), e não conheço nenhuma técnica de Dinâmica ou Psicodramática para grande número de alunos.

Normalmente uso a aula expositiva, após leitura prévia, que nem sempre é feita, de textos. A discussão com leitura prévia ocorre sempre se eu avisar que ao final da aula todos deverão responder a 1 ou 2 questões relativas ao tema discutido – é uma forma de se fazer avaliação contínua, mas que dá um trabalhão enorme, pois tenho muitos alunos, e tenho que corrigir as respostas toda semana.

Não sei se ajudei você, Liliana, mas gostaria de pedir sua ajuda, caso tenha técnicas de Dinâmica para classes com 80/100 alunos(e no espaço físico que você bem conhece: classes pequenas ou tipo anfiteatro – Campus I).
Obrigada

Um abraço”

Unidades de Registro

1. “Infelizmente não. Dou aulas para classes com número muito grande de alunos(75/80/100/105)”...
2. “... e não conheço nenhuma técnica de Dinâmica de Grupo ou Psicodramática para grande nº de alunos.
3. “Normalmente uso a aula expositiva, após leitura prévia, que nem sempre é feita, de textos.
4. ... “A discussão com leitura prévia ocorre sempre se eu avisar que ao final da aula todos deverão responder a 1 ou 2 questões relativas ao tema discutido - é uma forma de fazer avaliação contínua, mas que dá um

trabalhão enorme, pois tenho muitos alunos, e tenho que corrigir as respostas toda semana.”

5. ... “gostaria de pedir sua ajuda, caso tenha técnicas de Dinâmica para classes com 80/100 alunos(e no espaço físico que você bem conhece: classes pequenas ou tipo anfiteatro – Campus I).”

Depoimento 2

“Sim, eu utilizo técnicas de Dinâmica de Grupo em minha prática docente junto aos alunos do 2º ano de Psicologia. Por tratar-se de disciplina teórica (“Dinâmica Organizacional e Institucional”), onde há necessidade de que o aluno domine uma série de conceitos, acredito que sua construção só possa ocorrer caso os alunos estejam vinculados a uma tarefa grupal, a partir da qual vivenciem situações e/ou realizem estudos de caso, de onde seja possível fazer emergirem tais conceitos.

Assim, falar de poder, cooperação/competição, liderança, tomada de decisões, dentre outros temas, sem o respectivo respaldo que a reflexão acerca de uma prática é capaz de conduzir, torna o conteúdo bastante estéril e até distanciado (infelizmente!) da realidade do aluno de um 2º ano de graduação.

Além disso, a responsabilidade dos membros pela produção de determinado grupo é, em si, muito importante para a prática profissional de qualquer curso, e em especial, num curso de Psicologia. Vale dizer que também acredito na perspectiva de os alunos descobrirem, no grupo, a grande força e incrível potencial de mudança que pode vir a representar, frente às inúmeras situações cotidianas com as quais se defrontam.

Por acreditar no potencial pedagógico que representam, bem como na necessidade de que o conhecimento seja sempre uma construção, faço uso de técnicas de Dinâmica de Grupo sempre que o tema permite, o que é, inclusive, favoravelmente avaliado pelos alunos.”

Unidades de Registro

6. “Sim, eu utilizo técnicas de Dinâmica de Grupo em minha prática docente junto aos alunos do 2º ano de Psicologia. Por tratar-se de disciplina

teórica("Dinâmica Organizacional e Institucional"), onde há necessidade de que o aluno domine uma série de conceitos,"...

7. ... "acredito que sua construção só possa ocorrer caso os alunos estejam vinculados a uma tarefa grupal, a partir da qual vivenciem situações e/ou realizem estudos de caso, de onde seja possível fazer emergirem tais conceitos."
8. "Assim, falar de poder, cooperação/competição, liderança, tomada de decisões, dentre outros temas, sem o respectivo respaldo que a reflexão acerca de uma prática é capaz de conduzir, torna o conteúdo bastante estéril e até distanciada(infelizmente!) da realidade de um 2º ano de graduação. Além disso, a responsabilidade dos membros pela produção de determinado grupo é, em si, muito importante para a prática profissional de qualquer curso, e em especial, num curso de Psicologia."
9. ..."Vale dizer que também acredito na perspectiva de os alunos descobrirem, no grupo, a grande força e incrível potencial de mudança que pode vir a representar, frente às inúmeras situações cotidianas com as quais se defrontam."
10. "Por acreditar no potencial pedagógico que representam, bem como na necessidade de que o conhecimento seja sempre uma construção, faço uso de técnicas de Dinâmica de Grupo sempre que o tema permite,"...
11. "... faço uso de técnicas de Dinâmica de Grupo sempre que o tema permite, o que é, inclusive, favoravelmente avaliado pelos alunos."

Depoimento 3

Em atenção à questão de pesquisa sobre a utilização de técnicas de Dinâmica de Grupo e psicodramáticas na prática docente :

Trabalho com classes grandes e com pequenos grupos. Este aspecto modifica a utilização dos recursos de sensibilização, desenvolvimento de papéis ou de ensino através do psicodrama pedagógico. Sempre que possível, utilizo jogos, role playing, vivência de situações paradigmáticas, autoscopia, variações de situação de aquário, jogo dramático e psicodrama pedagógico (Romaña).

Via de regra, cuido para que o enquadre seja bem compreendido por todos, buscando caracterizar a situação como de aprendizagem (muitos alunos pensam que a introdução destas técnicas é alguma coisa lúdica, motivacional, e só.). Sempre que possível, tem gente na classe que fica no papel de observador ativo. Em algumas situações fazemos registros do vivido, sobre o qual algum nível de recursividade ocorre.

Procuro fazer com que as reflexões sobre o vivido ampliem as possibilidades de comunicação entre os alunos entre si e comigo. Reparo nos modos de participação que se instalam nestes contextos e acredito que as técnicas oportunizam uma abordagem menos tipificadora do Real e modalidades discursivas que favorecem mais a negociação de significações entre os participantes. Como professora de psicologia escolar, eu preciso necessariamente revisar as relações interpessoais que ocorrem no aqui e agora das aulas.

Acredito que as técnicas de Dinâmica de Grupo e psicodramática são importantes na sala de aula porque:

- aumentam a emergência de produtos associativos entre a bagagem experiencial do aluno e o "objeto" com o qual ele está entrando em contato.

- ele não se sente como um recipiente, e melhora sua auto estima como sujeito cognoscente.
- favorece que conflitos, disposições atitudinais e recursos que a classe dispõe possam ser vividos, nomeados e trabalhados. Uso a matriz do Bronfenbrenner, de qualidade de trocas ou então o modelo da relação de ajuda do Karkuff para refletir com a classe sobre o que a gente vai vivendo.
- melhora a possibilidade de que os conteúdos sejam significativos para os alunos, fiquem na memória e sejam objeto de reflexão
- os alunos entram em contato com o "avesso" das técnicas: processo de escolha, modos de leitura do que vai ocorrendo, enquadre, etc. No futuro, eles talvez possam se utilizar destes recursos em outros contextos de intervenção profissional.
- o gerenciamento da sala de aula fica facilitado, porque é mais motivado e distribui a responsabilidade das aulas com todos que participam dela.

Acho que é isso !

Bom trabalho!

Unidades de Registro

12. "Trabalho com classes grandes e com pequenos grupos. Este aspecto modifica a utilização dos recursos de sensibilização, desenvolvimento de papéis ou de ensino através do psicodrama pedagógico."
13. ..."Sempre que possível, utilizo jogos, role-playing, vivência de situações paradigmáticas, autoscopia, variações de situações de aquário, jogo dramático e psicodrama pedagógico(Romaña)."

14. Via de regra, cuido para que o enquadre seja bem compreendido por todos, buscando caracterizar a situação como de aprendizagem (muitos alunos pensam que a introdução destas técnicas é alguma coisa lúdica, motivacional e só)."
15. ..."Sempre que possível, tem gente na classe que fica no papel de observador ativo. Em algumas situações fazemos registros do vivido, sobre o qual algum nível de recursividade ocorre."
16. "Procuro fazer com que as reflexões sobre o vivido ampliem as possibilidades de comunicação entre os alunos entre si e comigo."
17. ..."Reparo nos modos de participação que se instalam nestes contextos e acredito que as técnicas oportunizam uma abordagem menos tipificadora do real e modalidades discursivas que favorecem mais a negociação de significações entre os participantes."
18. ..."Como professora de psicologia escolar, eu preciso necessariamente revisar as relações interpessoais que ocorrem no aqui e agora das aulas."
19. "Acredito que as técnicas de Dinâmica de Grupo e psicodramáticas são importantes na sala de aula porque: aumentam a emergência de produtos associativos entre a bagagem experiencial do aluno e o "objeto" com o qual ele está entrando em contato."
20. ..."Ele não se sente como um recipiente, e melhora sua auto estima como sujeito cognoscente."
21. ..."favorece que conflitos, disposições atitudinais e recursos que a classe dispõe possam ser vividos, nomeados e trabalhados."
22. ..."Uso a matriz do Bronfenbrenner, de qualidade de trocas ou então o modelo da relação de ajuda do Karkuff para refletir com a classe sobre o que a gente vai vivendo."
23. "Melhora a possibilidade de que os conteúdos sejam significativos para os alunos, fiquem na memória e sejam objeto de reflexão"

24. ..."os alunos entram em contato com o "avesso das técnicas: processo de escolha, modos de leitura do que vai ocorrendo, enquadre e etc."
25. ..."No futuro, eles talvez possam se utilizar destes recursos em outros contextos de intervenção profissional."
26. ..."o gerenciamento da sala de aula fica facilitado, porque é mais motivador e distribui a responsabilidade das aulas com todos que participam dela."

Depoimento 4

Prezada professora,

Aceitando seu pedido e no intuito de colaborar com sua tese, aqui vai a resposta: Sim eu uso técnicas psicodramáticas, Dinâmica de Grupos não.

As técnicas de minha preferência e que, me parece, têm uma indicação por excelência, são as chamadas básicas e principalmente a de inversão de papéis, duplo e espelho.

A primeira, entre outras vantagens, permite ao aluno/terapeuta tomar contato com o paciente introjetado ou internalizado, e assim fazendo poderá, ou não, perceber sua própria problemática que impedia perceber e achar o caminho para ajudar seu cliente, a de espelho possibilita ao aluno/ terapeuta se ver de fora e ao se ver, pela instrumentalização do diretor, corrigir ou achar novos caminhos, a do duplo, deve ser usada com muita parcimônia e cuidados especiais, pois são mensagens emitidas ao inconsciente do aluno.

É o que tenho no momento, *by the way*, se a professora não conhece estas técnicas estou à inteira disposição para ensinar, caso queira recorrer a um livro o melhor do mercado brasileiro é *Do animal ao humano*, esqueci o nome do autor. Um abraço.

Unidades de Registro

27. "Sim, eu uso técnicas psicodramáticas; Dinâmica de Grupo não.
28. "As técnicas de minha preferência e que, me parece, têm uma indicação por excelência, são as chamadas básicas e principalmente as de inversão de papéis, duplo e espelho." A inversão de papéis, entre outras vantagens, permite ao aluno/terapeuta tomar contato com o paciente introjetado ou internalizado. A do espelho possibilita ao aluno/terapeuta se

ver de fora e poder corrigir-se ou achar novos caminhos. A do duplo deve ser usada com parcimônia e cuidados especiais, pois são mensagens emitidas ao inconsciente do aluno.

Depoimento 5

Sim. Em primeiro lugar gostaria de esclarecer que, eventualmente, me utilizo destes procedimentos, tendo em vista que as disciplinas que ministro, em sua maioria, são teóricas, raras são as vezes que consigo lançar mão destes recursos. Por exemplo, em *Ética Profissional*, busco deixar a disciplina bastante atraente, desta forma os alunos se reúnem em grupos para refletir sobre determinados temas e em muitas vezes acabam por dramatizar situações que gostariam de ver discutidas, a dramatização é sempre uma sugestão minha, que os alunos gostam e se envolvem.

Estas técnicas, para mim, significam uma possibilidade de despertar nos alunos o seu potencial reflexivo e criativo, acredito que, para além dos textos trabalhados, a utilização desses recursos possibilitam a apreensão e assimilação dos conteúdos trabalhados, sejam eles conceituais ou temáticos. Para quem está trabalhando com a formação de profissionais, tais recursos possibilitam uma vivência de tais profissões, enfim, acredito que esses recursos inserem nos alunos a sua responsabilidade pela sua própria formação.

Beijos.

Unidades de Registro

29. Sim, (...) eventualmente me utilizo destes procedimentos, tendo em vista que as disciplinas que ministro, em sua maioria são teóricas, raras são as vezes que consigo lançar mão destes recursos."
30. ..."em *Ética Profissional*, busco deixar a disciplina bastante atraente, desta forma os alunos se reúnem em grupos para refletir sobre determinados temas e em muitas vezes acabam por dramatizar situações que gostariam de ver discutidas."...

31. ... “a dramatização é sempre uma sugestão minha, que os alunos gostam e se envolvem.”
32. “Estas técnicas, para mim, significam uma possibilidade de despertar nos alunos o seu potencial reflexivo e criativo.”
33. ...“Acredito que, para além dos textos trabalhados, a utilização desses recursos possibilitam a apreensão e assimilação dos conteúdos trabalhados, sejam eles conceituais ou temáticos.”...
34. ...“Para quem está trabalhando com a formação de profissionais, tais recursos possibilitam uma vivência de tais profissões.”...
35. ...“enfim, acredito que esses recursos inserem nos alunos a sua responsabilidade pela sua própria formação.”

Depoimento 6

Utilizo técnicas de Dinâmica de Grupo em todas as minhas salas de aula (3ª série, 4ª série do curso de Psicologia e 1ª séries dos cursos de Pedagogia e Educação Especial).

O significado que estas técnicas têm para mim é muito grande pois são ferramentas indispensáveis para desenvolver a criatividade dos alunos e, também, é através delas que consigo perceber o que meu aluno traz “de novo” ou de “senso comum” que precisa ser superado.

Mais do que aula expositiva (que às vezes é preciso utilizarmos), a Dinâmica de Grupo proporciona, como estratégia, o envolvimento por inteiro do aluno (corpo e reflexão).

Unidades de Registro

36. “Utilizo técnicas de Dinâmica de Grupo em todas as minhas salas de aula (3ª e 4ª séries do curso de Psicologia e 1ª série dos cursos de Pedagogia e Educação Especial).”
37. “ O significado que estas técnicas têm para mim é muito grande pois são ferramentas indispensáveis para desenvolver a criatividade dos alunos.”...
38. ...“também é através delas que consigo perceber o que meu aluno traz de “novo” ou de “senso comum” que precisa ser superado.”
39. “Mais do que aula expositiva (que às vezes é preciso utilizarmos), a Dinâmica de Grupo proporciona, como estratégia, o envolvimento por inteiro do aluno (corpo e reflexão).”

Depoimento 7

Sim. Em situações de treinamento de funcionários em alguns campos de estágio. Acredito que elas facilitam a comunicação das estagiárias com os participantes e destes entre si. Elas (as técnicas) são utilizadas quando não é o nosso objetivo fazer emergir conteúdos mais subjetivos.

Porém, como recurso didático, elas não são usadas.

Unidades de Registro

40. "Sim, em situações de treinamento de funcionários em alguns campos de estágio."
41. ..."Acredito que elas facilitam a comunicação das estagiárias com os participantes e destes entre si."
42. ... "Elas(as técnicas) são utilizadas quando não é o nosso objetivo fazer emergir conteúdos mais subjetivos."
43. "Porém, como recurso didático, elas não são usadas."

Depoimento 8

Sim, eu utilizo.

Considero que as técnicas de Dinâmica de Grupo e técnicas psicodramáticas contribuem muito para o processo de ensino-aprendizagem.

Fazem o papel de verdadeiras pontes entre o estudante e o objeto de conhecimento.

O processo de ensino-aprendizagem envolve a subjetividade, tanto na esfera cognitiva quanto na esfera afetiva. Neste sentido, as técnicas psicodramáticas, em especial, possibilitam que o processo seja trabalhado em três níveis: o pensar, o sentir e o agir.

Essas três dimensões (pensar, sentir, agir) compreendem a integralidade do sujeito.

Considerando o movimento dialético do processo de ensino-aprendizagem, penso que as técnicas de Dinâmica de Grupo, especialmente as técnicas psicodramáticas, permitem o aparecimento do novo, do espontâneo, do pitoresco, enfim, da criatividade. Assim garante a motivação, que é um elemento essencial também no processo ensino-aprendizagem.

Unidades de Registro

44. Sim, eu utilizo. Considero que as técnicas de Dinâmica de Grupo e técnicas Psicodramáticas contribuem muito para o processo de ensino-aprendizagem."
45. "Fazem o papel de verdadeiras pontes entre o estudante e o objeto de conhecimento."
46. "O processo de ensino-aprendizagem envolve a subjetividade, tanto na esfera cognitiva quanto na esfera afetiva. Neste sentido, as técnicas psicodramáticas, em especial, possibilitam que o processo seja trabalhado

em três níveis: o pensar, o sentir e o agir. (...) compreendem a integralidade do sujeito."

47. "Considerando o movimento dialético do processo de ensino-aprendizagem, penso que as técnicas de Dinâmica de Grupo, especialmente as técnicas psicodramáticas, permitem o aparecimento do novo, do espontâneo, do pitoresco, enfim, da criatividade."
48. ... "Assim, garante a motivação que é um elemento essencial também no processo de ensino-aprendizagem."

Depoimento 9

1. Utilizo técnicas grupais, principalmente Seminário Integrado (Seminário em Grupo, em cada pequeno grupo há um coordenador/membro do grupo seminarista; em seguida, painel). Júri simulado (para discussão de “casos” ou questões cotidianas surgidas em jornal, TV, etc.). Também algumas outras, específicas da Dinâmica de Grupo, variando conforme a situação.

2. As mesmas, e também algumas psicodramáticas, principalmente role-playing. Em 1, estratégias para turmas grandes, disciplinas teóricas; em 2, turmas pequenas, disciplinas/atividades práticas e de estágios.

Quanto ao significado, vários aspectos a apontar:

- técnicas grupais facilitam a aprendizagem, tanto conceitual quanto técnica e de atitudes;
- favorecem a motivação;
- permitem que os alunos assumam papel mais ativo no processo, de construtores da própria aprendizagem;
- favorecem a interação entre os alunos, e entre alunos e professora;
- permitem o investimento mais ‘global’ dos estudantes, uma vez que demandam envolvimento da totalidade da pessoa: cognitivo/afetivo/volitivo integrados;
- favorecem o contato com o concreto, com o real – não apenas o “teórico”;
- funcionam como estratégias de aprendizagem ‘indireta’ de papéis profissionais: ao trabalhar em grupo, e utilizar técnicas que o psicólogo utiliza na prática profissional, estou “demonstrando” como o psicólogo trabalha com grupos, mesmo em disciplinas teóricas. Por isto, sempre, ao final da técnica, comento como a mesma pode ser utilizada pelo psicólogo em situações profissionais;
- e, finalmente (sem esgotar todas as possibilidades...), as técnicas grupais permitem aos estudantes, a aprendizagem de ‘trabalhar em grupo’, que é

fundamental para formá-los para o trabalho em equipes multidisciplinares (ou inter), cada vez mais cotidianas no trabalho do psicólogo. Ou seja, as estratégias “de ensino” funcionam como “currículo oculto”, permitindo aprender que ser psicólogo é ser um trabalhador social, e não apenas (nem principalmente) um trabalhador em díade, ‘face a face’.

PARABÉNS PELO TEMA!

BOA SORTE!

PS. Esqueci de dizer que uso técnicas grupais e psicodramáticas também para avaliação; e que considero “grupo”, como “ética”, algo que deve ser ensinado/aprendido não apenas em uma disciplina específica, mas em todo o currículo de formação do psicólogo.

Unidades de Registro

49. “Utilizo técnicas grupais, (...) Também algumas outras específicas da Dinâmica de Grupo, variando conforme a situação. (...) Também algumas psicodramáticas, principalmente role-playing. (...) estratégias para turmas grandes, disciplinas teóricas; turmas pequenas, disciplinas/atividades práticas e de estágios.”
50. “Quanto ao significado, vários aspectos a apontar: técnicas grupais facilitam a aprendizagem, tanto conceitual quanto técnica e de atitudes;”...
51. ...“favorecem a motivação;”...
52. ...“permitem que os alunos assumam papel mais ativo no processo, de construtores da própria aprendizagem;”...
53. ... “favorecem a integração entre os alunos, e entre os alunos e a professora; “...
54. ... “permitem o investimento mais ‘global’ dos estudantes, uma vez que demandam envolvimento da totalidade da pessoa: cognitivo, afetivo, volitivo integrados;”...

55. “favorecem o contato com o concreto, com o real – não apenas o “teórico”; funcionam como estratégias de aprendizagem ‘indireta’ de papéis profissionais: ao trabalhar em grupo, e utilizar técnicas que o psicólogo utiliza na prática profissional, estou “demonstrando” como o psicólogo trabalha com grupos, mesmo em disciplinas teóricas. Por isto, sempre ao final da técnica, comento como a mesma pode ser utilizada pelo psicólogo em situações profissionais;”...
56. ... “as técnicas grupais permitem aos estudantes a aprendizagem de ‘trabalhar em grupo’, que é fundamental para formá-los para o trabalho em equipes multidisciplinares (ou inter), cada vez mais cotidianas no trabalho do psicólogo
57. ... “as estratégias “de ensino” funcionam como “currículo oculto”, permitindo aprender que ser psicólogo é ser um trabalhador social, e não apenas(nem principalmente) um trabalhador em díade, ‘face a face’.”
58. ... “Uso técnicas grupais e psicodramáticas também para avaliação”
59. ... “considero “grupo”, como “ética”, algo que deve ser ensinado/aprendido não apenas em uma disciplina específica, mas em todo o currículo de formação do psicólogo.”

Depoimento 10

Não.

Aulas teóricas – expositivas

Seminários

Palestras com professores convidados ou alunos do doutorado/mestrado

Grupos de discussão de texto.

Unidade de Registro

60. “Não. Aulas teóricas expositivas; seminários; palestras com professores convidados ou alunos do doutorado/ mestrado; grupos de discussão de texto.”

Depoimento 11

Utilizo técnicas de dramatização e “role-playing” no 3º e 4º anos.

Essas técnicas possibilitam:

- envolver mais os alunos, não só intelectualmente, mas emocionalmente, com os conceitos estudados;
- motivar mais os alunos (não só os que apresentam, mas também o restante da sala);
- possibilitar uma maior desinibição, descontração para os alunos que apresentam;
- treinar futuros papéis (no caso do Aconselhamento psicológico – papel do conselheiro);
- maior fixação (memorização) e compreensão dos conceitos;

Salvo algumas exceções (alunos muito tímidos ou que por algum motivo não gostam de se expor), a receptividade a essas técnicas é muito boa.

Unidades de Registro

61. “Utilizo técnicas de dramatização e “role-playing” no 3º e no 4º ano.”

62. “Essas técnicas possibilitam: envolver mais os alunos não só intelectualmente, mas emocionalmente, com os conceitos estudados; motivar mais os alunos(não só os que apresentam, mas também o restante da sala); possibilitar uma maior desinibição, descontração para os alunos que apresentam.”

63. ...”treinar futuros papéis(no caso do Aconselhamento Psicológico – papel do conselheiro).”

64. ... maior fixação(memorização) e compreensão dos conceitos.

65. “Salvo algumas exceções(alunos muito tímidos ou que por algum motivo não gostam de se expor), a receptividade a essas técnicas é muito boa.”

Depoimento 12

Tenho utilizado técnicas de Dinâmica de Grupo durante as aulas há um ano aproximadamente e em classes que têm em torno de 45 alunos.

Nessa situação, os significados que estas técnicas têm para mim são diferentes nos dois semestres.

No 1º semestre, o conteúdo da disciplina envolvia tópicos como Liderança, Papéis, Comunicação, Motivação, Trabalho em Grupo e as técnicas estiveram bastante adequadas envolvendo muito os alunos.

Na avaliação da disciplina, que foi feita junto a eles no final do semestre, muitos fizeram referências ao quanto as técnicas de Dinâmica de Grupo utilizadas contribuíram para a aprendizagem dos conteúdos da disciplina.

Segundo eles, estas técnicas auxiliaram para que eles aprendessem, sem “sentir”, de uma forma atraente, sem ser “aquela coisa” monótona, do professor falando e os alunos ouvindo; mencionaram a expectativa que existia quanto à técnica que seria utilizada na aula seguinte e o quanto as aulas eram “dinâmicas”.

No 2º semestre, senti uma certa diferença. O conteúdo era referente às técnicas de coleta de informações propriamente ditas, como entrevistas, questionários, escalas, reuniões. Nesse momento, embora tenha procurado usar também técnicas de Dinâmica de Grupo, sinto que o envolvimento foi menor.

Acredito que os textos usados em algumas delas (Tipo Painel Integrado), por exemplo: a respeito de Questionário não tenha sido tão interessante.

Em outras, como “Duplas Rotativas”, acredito que o tema proposto para a conversa não tenha sido tão motivador. Penso que a minha pouca familiaridade com os assuntos nesse contexto, também tenha contribuído.

De qualquer modo, ainda tem sido possível observar que o trabalho quando desenvolvido em grupos menores, com técnicas diferentes, tem contribuído para uma maior troca de experiências entre eles.

Esse ponto em particular, também foi registrado nas avaliações, já que os alunos mencionaram o fato de terem se conhecido melhor e inclusive melhorado a dinâmica de funcionamento da classe como um todo.

Já em situações de classes mais numerosas, de 70 a 80/85 alunos, não tenho conseguido usar técnicas de Dinâmica de Grupo. As aulas têm sido mais expositivas, com tentativas de criar algumas situações de prática para ilustrar as discussões feitas em nível teórico.

A aula expositiva exige outro tipo de envolvimento do professor, além de recursos que vão desde o tom de voz, mobilidade em sala, boa dose de paciência e uso de materiais didáticos diversificados como vídeos, quando o assunto assim o permite.

Sinto que neste caso, o desgaste para o professor é muito maior, com momentos de cansaço que vão se tornando bastante freqüentes com o passar do tempo.

O “domínio” de técnicas de Dinâmica de Grupo me parece de fundamental importância, e o ganho em função de sua utilização é grande não só para os alunos, mas também para o professor, que tem os alunos muito mais motivados em aula.

Isso contribui, não só com relação ao aspecto do conteúdo, mas ao relacionamento com a classe, à possibilidade de chamar a todos os alunos pelo nome, conhecendo suas características, estilos, experiências pessoais, etc.

Unidades de Registro

66. “Utilizo técnicas de dramatização e “role-playing” no 3º e no 4º ano.”
67. “Essas técnicas possibilitam: envolver mais os alunos não só intelectualmente, mas emocionalmente, com os conceitos estudados; motivar mais os alunos(não só os que apresentam, mas também o restante

da sala); possibilitar uma maior desinibição, descontração para os alunos que apresentam."

68. ..."treinar futuros papéis(no caso do Aconselhamento Psicológico – papel do conselheiro)."
69. ... maior fixação(memorização) e compreensão dos conceitos.
70. "Salvo algumas exceções(alunos muito tímidos ou que por algum motivo não gostam de se expor), a receptividade a essas técnicas é muito boa."

Depoimento 13

Sim. Utilizo-me essencialmente de técnicas de Dinâmica de Grupo e de Jogos dramáticos em minha disciplina. Por ser ela, Dinâmica dos Grupos e Relações Interpessoais, com parte prática e teórica, as técnicas citadas acima fazem parte integrante do programa tanto na prática como na teórica.

A partir de um contrato estabelecido, logo no primeiro encontro com os grupos, os mesmos, ao saberem da proposta da disciplina, invariavelmente, optam por vivenciar o processo grupal ao longo do ano letivo, ao invés de apenas aprender tecnicamente o conteúdo da disciplina. Assim, o significado que estas técnicas têm é o de auxiliarem no desenvolvimento do grupo enquanto grupo, permitindo uma maior integração entre seus membros, promovendo o auto conhecimento e conhecimento mútuo, desenvolvendo a comunicação verbal e não verbal, a capacidade de cooperação, a espontaneidade e a criatividade.

Na parte teórica também são utilizadas técnicas pedagógicas grupais, não só com o objetivo de explorar a teoria, como também de trabalhar as relações grupais e o desenvolvimento do sentido de equipe, que muito os auxiliará em sua futura vida profissional.

Unidades de Registro

79. "Sim. Utilizo-me essencialmente de técnicas de Dinâmica de Grupo e de Jogos dramáticos em minha disciplina. Por ser ela, Dinâmica dos Grupos e Relações Interpessoais, com parte prática e teórica, as técnicas citadas acima fazem parte integrante do programa tanto na prática como na teórica."

80. "A partir de um contrato estabelecido, logo no primeiro encontro com os grupos, os mesmos, ao saberem da proposta da disciplina, invariavelmente, optam por vivenciar o processo grupal ao longo do ano letivo, ao invés de apenas aprender tecnicamente o conteúdo da disciplina. Assim, o significado que estas técnicas têm é o de auxiliarem no desenvolvimento do grupo enquanto grupo, permitindo uma maior integração entre seus membros; promovendo o auto conhecimento e conhecimento mútuo; desenvolvendo a comunicação verbal e não verbal; a capacidade de cooperação."...
81. ... " promovendo a espontaneidade e a criatividade"
82. Na parte teórica também são utilizadas técnicas pedagógicas grupais, não só com o objetivo de explorar a teoria, como também de trabalhar as relações grupais e o desenvolvimento do sentido de equipe, que muito os auxiliará em sua futura vida profissional."

Depoimento 14

Prezada Liliana

Com certeza não utilizo de técnicas psicodramáticas em minha prática docente. Não que seja contra. É que não as domino, só isso.

Quanto a técnicas de Dinâmica de Grupo tenho dúvidas, pois tudo pode ser considerado técnica de Dinâmica de Grupo, não?

Se coloco os alunos em círculo para conversar isto já é Dinâmica de Grupo, etc. No entanto não vejo isso como técnica. Eu simplesmente procuro conversar com os alunos de forma direta, facilitando que eles também se ouçam uns aos outros (e para isso busco a melhor disposição física das cadeiras).

Mas muitas vezes dou aulas tradicionais, expositivas. Gosto também que eles tragam para a conversa sua experiência com os temas tratados. Será que isso pode ser chamado como técnica de Dinâmica de Grupo? Não seria melhor dizer que é um método de estar com os alunos?

Devo acrescentar que isto tudo ainda assim nem se aplica muito em aulas de graduação pois são salas com 60 pessoas... Até procuro dizer coisas significativas, suscitando reflexões e ouvindo qualquer tipo de reação.

Na maioria das vezes é isso. Nem em grupos dá para trabalhar a não ser excepcionalmente. Tem dado mais certo assim em meu caso. Os alunos têm apreciado as aulas pelo conteúdo, pela capacidade de fazer pensar, mais do que por alguma técnica.

Não sei se te respondi...

Um abraço.

Unidades de Registro

83. "Com certeza não utilizo de técnicas psicodramáticas em minha prática docente. Não que seja contra. É que não as domino, só isso. Quanto a técnicas de Dinâmica de Grupo tenho dúvidas pois tudo pode ser considerado técnica de Dinâmica de Grupo, não?"
84. "Se coloco os alunos em círculo para conversar isto já é Dinâmica de Grupo, etc. No entanto não vejo isso como técnica. Eu simplesmente procuro conversar com os alunos de forma direta, facilitando que eles também se ouçam uns aos outros (e para isso busco a melhor disposição física das cadeiras)."
85. "Mas muitas vezes dou aulas tradicionais, expositivas."
86. "Gosto também que eles tragam para a conversa sua experiência com os temas tratados. Será que isso pode ser chamado como técnica de Dinâmica de Grupo? Não seria melhor dizer que é um método de estar com os alunos?"
87. "Devo acrescentar que isto tudo ainda assim nem se aplica muito em aulas de graduação pois são salas com 60 pessoas... Até procuro dizer coisas significativas, suscitando reflexões e ouvindo qualquer tipo de reação. Na maioria das vezes é isso. Nem em grupos dá para trabalhar a não ser excepcionalmente."
88. "Tem dado mais certo assim em meu caso. Os alunos têm apreciado as aulas pelo conteúdo, pela capacidade de fazer pensar, mais do que por alguma técnica."

Depoimento 15

Sim. São técnicas que funcionam como instrumentos facilitadores no processo de aquisição e construção do conhecimento.

Não as utilizo como técnicas com fim em si mesmas, ou seja, são recursos para atingir os objetivos da aprendizagem e processo de ensino em geral (construir conhecimento, etc.). Cabe destacar que não utilizo somente estas técnicas como recursos e também não as utilizo em todas as aulas; somente quando as julgo necessárias. Além do que, vale lembrar que o ensino de Psicologia por mim, tem sido tarefa acadêmica em diferentes cursos do ensino superior, que têm com isso objetivos diferentes e diversificados; tenho procurado valorizar o referencial teórico e utilizo técnicas de trabalho e processo grupal como instrumento facilitador.

Unidades de Registro

89. "Sim. São técnicas que funcionam como instrumentos facilitadores no processo de aquisição e construção do conhecimento. Não as utilizo como técnicas com fim em si mesmas, ou seja, são recursos para atingir os objetivos da aprendizagem e processo de ensino em geral (construir conhecimento, etc.)"
90. ..."Cabe destacar que não utilizo somente estas técnicas como recursos e também não as utilizo em todas as aulas; somente quando as julgo necessárias."
91. ..."Além do que, vale lembrar que o ensino de Psicologia por mim, tem sido tarefa acadêmica em diferentes cursos do ensino superior, que têm com isso objetivos diferentes e diversificados; tenho procurado valorizar o

referencial teórico e utilizo técnicas de trabalho e processo grupal como instrumento facilitador.”

Capítulo 5
ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

A seguir, passo à apresentação dos dados obtidos através dos depoimentos dos professores.

A forma escolhida para esta apresentação foi a partir da construção de quadros, que possibilitam uma clareza maior no entendimento dos dados revelados pela pesquisa.

QUADRO 1

UTILIZAÇÃO E TIPOS DE TÉCNICAS PSICODRAMÁTICAS NA PRÁTICA DOCENTE

Utilizam-se de Técnicas Psicodramáticas em sua Prática Docente	Técnicas Mencionadas
Depoimento 3	<ul style="list-style-type: none">• Role-playing, Jogo Dramático, Psicodrama Pedagógico• (Romaña), variações de situações de Aquário
* Depoimento 4	<ul style="list-style-type: none">• Inversão de Papéis, Duplo, Espelho
Depoimento 5	<ul style="list-style-type: none">• Dramatizações sobre determinados temas
Depoimento 8	<ul style="list-style-type: none">• Não especificou quais técnicas psicodramáticas.
Depoimento 9	<ul style="list-style-type: none">• Role-playing.
Depoimento 11	<ul style="list-style-type: none">• Role-playing, Dramatizações.
Depoimento 13	<ul style="list-style-type: none">• Jogos Dramáticos
Depoimento 15	<ul style="list-style-type: none">• Não especificou quais técnicas psicodramáticas.

* Obs: Depoimento 4 em destaque, pois será alvo de discussão

QUADRO 2

JUSTIFICATIVAS DA NÃO UTILIZAÇÃO DE TÉCNICAS PSICODRAMÁTICAS NA PRÁTICA DOCENTE

Não se utilizam de Técnicas Psicodramáticas em sua Prática Docente	Justificativas
Depoimento 1	<ul style="list-style-type: none">• Não conhece técnicas Psicodramáticas para número muito grande de alunos.
Depoimento 10	<ul style="list-style-type: none">• Não justificou
Depoimento 14	<ul style="list-style-type: none">• Não domina estas técnicas.

QUADRO 3

NADA CONSTA QUANTO À UTILIZAÇÃO DE TÉCNICAS PSICODRAMÁTICAS NA PRÁTICA DOCENTE

Não foi mencionada a utilização de Técnicas Psicodramáticas em sua Prática Docente	Depoimentos 2, 6, 7, 12
---	------------------------------------

QUADRO 4

UTILIZAÇÃO DE TÉCNICAS DE DINÂMICA DE GRUPO NA PRÁTICA DOCENTE

Técnicas de Dinâmica de Grupo	Depoimentos
<ul style="list-style-type: none">Utilizam-se de técnicas de Dinâmica de Grupo em sua Prática Docente	2, 3, 5, 6, 7*, 8, 9, 11, 12*, 13, 15
<ul style="list-style-type: none">Não se utilizam de Técnicas de Dinâmica de Grupo em sua Prática Docente	1, 4, 7*, 10, 12*, 14

* Obs: Depoimentos 7 e 12 em destaque, pois serão alvos de discussão

QUADRO 5

CONDIÇÕES, JUSTIFICATIVAS E FREQUÊNCIA DA UTILIZAÇÃO DE TÉCNICAS DE DINÂMICA DE GRUPO NA PRÁTICA DOCENTE

Utilizam-se de Técnicas de Dinâmica de Grupo em sua Prática Docente	Condições para Utilização/Justificativas/Frequência
Depoimento 2	<ul style="list-style-type: none">• Disciplina teórica/Sempre que o tema permite.
Depoimento 3	<ul style="list-style-type: none">• Grandes e pequenos grupos/Sempre que possível
Depoimento 5	<ul style="list-style-type: none">• Disciplinas teóricas/Eventualmente
Depoimento 6	<ul style="list-style-type: none">• Em todas as aulas que ministra/
Depoimento 7	<ul style="list-style-type: none">• Em situações de treinamento de funcionários/em alguns campos de estágio/ não trabalhar conteúdos subjetivos
Depoimento 8	<ul style="list-style-type: none">• Sem justificativa
Depoimento 9	<ul style="list-style-type: none">• Disciplinas teóricas/Grupos grandes
Depoimento 11	<ul style="list-style-type: none">• Sem justificativa
Depoimento 12	<ul style="list-style-type: none">• Grupos com 45 alunos/1º Semestre da disciplina com DINÂMICA DE GRUPO. mais compatíveis com os temas
Depoimento 13	<ul style="list-style-type: none">• Disciplina de Dinâmica dos Grupos e Relações Interpessoais(teórica e prática)/contrato de trabalho que inclui a parte vivencial/tanto na parte prática quanto na teórica
Depoimento 15	<ul style="list-style-type: none">• Não utiliza em todas as aulas, somente quando julga necessário..

QUADRO 6

CONDIÇÕES E JUSTIFICATIVAS PARA A NÃO UTILIZAÇÃO DE TÉCNICAS DE DINÂMICA DE GRUPO NA PRÁTICA DOCENTE

Não se utilizam de Técnicas de Dinâmica de Grupo em sua Prática Docente	Condições para não Utilização/ Justificativas
Depoimento 1	• Classes com número muito grande de alunos (75/80/100/105)/ Desconhecer técnicas de DINÂMICA DE GRUPO. para número muito grande de alunos.
Depoimento 4	• Sem justificativa
Depoimento 7	• Não se utiliza enquanto recurso didático (aqui entendido como dentro de sala de aula).
Depoimento 10	• Sem justificativa
Depoimento 12	• Classes com(70/80/85) alunos.
Depoimento 14	• Dúvidas sobre o que considerar como sendo DINÂMICA DE GRUPO./Classe com 60 alunos

QUADRO 7

UTILIZAÇÃO DE OUTROS RECURSOS DIDÁTICOS NA PRÁTICA DOCENTE.

Outros recursos didáticos	Depoimentos
<ul style="list-style-type: none">• Aulas expositivas	1, 6, 10, 12, 14
<ul style="list-style-type: none">• Avaliação freqüente (por escrito), com 1 ou 2 questões para o aluno responder ao final da aula, com o intuito de garantir as discussões e leituras dos textos	1
<ul style="list-style-type: none">• Jogos, autoscopia, observação ativa do aluno em sala de aula e registro do vivido, Matriz de Bronfenbrenner, Modelo da relação de ajuda do Kakuff	3
<ul style="list-style-type: none">• Seminários, palestras com professores convidados ou alunos de Mestrado e Doutorado	10
<ul style="list-style-type: none">• Grupos de discussão	10, 14

5.1. Categorização

A partir do levantamento das Unidades de Registro, foram definidas oito categorias com base no que emergiu dos discursos dos professores.

Abaixo encontram-se relacionadas estas categorias e os respectivos depoimentos onde as mesmas foram identificadas:

CATEGORIAS	DEPOIMENTOS
1. Número de alunos por Turmas/Classes	1, 3, 9, 12, 14
2. Relações Interpessoais	2, 3, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 14
3. Avaliação dos Diferentes Métodos	1, 2, 11, 12, 14, 15
4. Espontaneidade e Criatividade	5, 6, 8, 13
5. Vivências Teóricas e Práticas	2, 3, 5, 8, 9, 11, 12, 13
6. Construção Coletiva do Conhecimento	2, 3, 5, 6, 8, 9, 11, 15
7. Aplicação em Disciplinas Teóricas	1, 2, 5, 12, 14
8. Recursos Didáticos Diversificados	1, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 14

5.2. Síntese das Unidades de Registro por Categoria

A seguir demonstraremos a Síntese das Unidades de Registro por categoria, a partir dos depoimentos dos professores que **se utilizam** e que **não se utilizam** de Técnicas de Dinâmica de Grupo e Técnicas Psicodramáticas em sua prática docente.

1. Número de Alunos por Turmas/Classes

Síntese das Unidades de Registro

(1, 12, 49, 66, 74, 87)

1. "Infelizmente não. Dou aulas para classes com número muito grande de alunos(75/80/100/105)"...
12. "Trabalho com classes grandes e com pequenos grupos. Este aspecto modifica a utilização dos recursos de sensibilização, desenvolvimento de papéis ou de ensino através do psicodrama pedagógico."
49. "Utilizo técnicas grupais, (...) Também algumas outras específicas da Dinâmica de Grupo, variando conforme a situação. (...) Também algumas psicodramáticas, principalmente role-playing. (...) estratégias para turmas grandes, disciplinas teóricas; turmas pequenas, disciplinas/atividades práticas e de estágios."
66. "Tenho utilizado técnicas de Dinâmica de Grupo durante as aulas há um ano aproximadamente e em classes que têm em torno de 45 alunos. Nessa situação, os significados que estas técnicas têm para mim são diferentes nos dois semestres."
74. "Já em situações de classes mais numerosas, de 70 a 80/85 alunos, não tenho conseguido usar técnicas de Dinâmica de Grupo. As aulas têm sido mais expositivas, com tentativas de criar algumas situações de prática para ilustrar as discussões feitas em nível teórico."

87. "Devo acrescentar que isto tudo ainda assim nem se aplica muito em aulas de graduação pois são salas com 60 pessoas... Até procuro dizer coisas significativas, suscitando reflexões e ouvindo qualquer tipo de reação. Na maioria das vezes é isso. Nem em grupos dá para trabalhar a não ser excepcionalmente."

Os depoimentos indicam haver uma variação nas possibilidades oferecidas para o trabalho com técnicas grupais, em função do número elevado de alunos nas turmas e a habilitação e flexibilidade do professor para trabalhar com classes grandes e também com pequenos grupos.

2. Relações Interpessoais

Síntese das Unidades de Registro

(9, 16, 18, 20, 21, 26, 39, 41, 42, 46, 48, 51, 53, 54, 56, 62, 72, 78, 80, 84, 86)

9. ..."Vale dizer que também acredito na perspectiva de os alunos descobrirem, no grupo, a grande força e incrível potencial de mudança que pode vir a representar, frente às inúmeras situações cotidianas com as quais se defrontam."
16. "Procuró fazer com que as reflexões sobre o vivido ampliem as possibilidades de comunicação entre os alunos entre si e comigo."
18. ..."Como professora de psicologia escolar, eu preciso necessariamente revisar as relações interpessoais que ocorrem no aqui e agora das aulas."
20. ..."Ele não se sente como um recipiente, e melhora sua auto estima como sujeito cognoscente."
21. ..."favorece que conflitos, disposições atitudinais e recursos que a classe dispõe possam ser vividos, nomeados e trabalhados."

26. ...“o gerenciamento da sala de aula fica facilitado, porque é mais motivador e distribui a responsabilidade das aulas com todos que participam dela.”
39. “Mais do que aula expositiva(que às vezes é preciso utilizarmos), a Dinâmica de Grupo proporciona, como estratégia, o envolvimento por inteiro do aluno(corpo e reflexão).”
41. ...“Acredito que elas facilitam a comunicação das estagiárias com os participantes e destes entre si.”
42. ... “Elas(as técnicas) são utilizadas quando não é o nosso objetivo fazer emergir conteúdos mais subjetivos.”
46. “O processo de ensino-aprendizagem envolve a subjetividade, tanto na esfera cognitiva quanto na esfera afetiva. Neste sentido, as técnicas psicodramáticas, em especial, possibilitam que o processo seja trabalhado em três níveis: o pensar, o sentir e o agir. (...) compreendem a integralidade do sujeito.”
48. ... “Assim, garante a motivação que é um elemento essencial também no processo de ensino-aprendizagem.”
51. ...“favorecem a motivação;”...
53. ... “favorecem a integração entre os alunos, e entre os alunos e a professora; “...
54. ... “permitem o investimento mais ‘global’ dos estudantes, uma vez que demandam envolvimento da totalidade da pessoa: cognitivo, afetivo, volitivo integrados;”...
56. ... “as técnicas grupais permitem aos estudantes a aprendizagem de ‘trabalhar em grupo’, que é fundamental para formá-los para o trabalho em equipes multidisciplinares (ou inter), cada vez mais cotidianas no trabalho do psicólogo.”
62. “Essas técnicas possibilitam: envolver mais os alunos não só intelectualmente, mas emocionalmente, com os conceitos estudados;

motivar mais os alunos(não só os que apresentam, mas também o restante da sala); possibilitar uma maior desinibição, descontração para os alunos que apresentam.”

72. “De qualquer modo, ainda tem sido possível observar que o trabalho quando desenvolvido em grupos menores, com técnicas diferentes, tem contribuído para uma maior troca de experiências entre eles.”
78. ... “e o ganho em função de sua utilização é grande não só para os alunos, mas também para o professor, que tem os alunos muito mais motivados em aula. Isso contribui, não só com relação ao aspecto do conteúdo, mas ao relacionamento com a classe, à possibilidade de chamar a todos os alunos pelo nome, conhecendo suas características, estilos, experiências pessoais, etc.”
80. “A partir de um contrato estabelecido, logo no primeiro encontro com os grupos, os mesmos, ao saberem da proposta da disciplina, invariavelmente, optam por vivenciar o processo grupal ao longo do ano letivo, ao invés de apenas aprender tecnicamente o conteúdo da disciplina. Assim, o significado que estas técnicas têm é o de auxiliarem no desenvolvimento do grupo enquanto grupo, permitindo uma maior integração entre seus membros; promovendo o auto conhecimento e conhecimento mútuo; desenvolvendo a comunicação verbal e não verbal; a capacidade de cooperação.”...
84. “Se coloco os alunos em círculo para conversar isto já é Dinâmica de Grupo., etc. No entanto não vejo isso como técnica. Eu simplesmente procuro conversar com os alunos de forma direta, facilitando que eles também se ouçam uns aos outros (e para isso busco a melhor disposição física das cadeiras).”
86. “Gosto também que eles tragam para a conversa sua experiência com os temas tratados. Será que isso pode ser chamado como técnica de

Dinâmica de Grupo? Não seria melhor dizer que é um método de estar com os alunos?"

Há um reconhecimento de que o emprego de técnicas grupais proporciona trabalhar o grupo em direção ao seu potencial e força para as transformações pretendidas no cotidiano.

Estar em grupo propicia buscar diversas questões tais como: auto-conhecimento, conhecimento grupal, interação, integração entre seus membros, descontração, desinibição, comunicação verbal e não verbal, cooperação, motivação, personalidade nas relações interpessoais e envolvimento global dos alunos: sentir, pensar e agir.

3. Avaliação dos Diferentes Métodos

Síntese das Unidades de Registro

(4, 11, 65, 68, 69, 70, 73, 76, 77, 88, 90)

4. ... "A discussão com leitura prévia ocorre sempre se eu avisar que ao final da aula todos deverão responder a 1 ou 2 questões relativas ao tema discutido - é uma forma de fazer avaliação contínua, mas que dá um trabalhão enorme, pois tenho muitos alunos, e tenho que corrigir as respostas toda semana."
11. "... faço uso de técnicas de Dinâmica de Grupo sempre que o tema permite, o que é, inclusive, favoravelmente avaliado pelos alunos."
65. "Salvo algumas exceções(alunos muito tímidos ou que por algum motivo não gostam de se expor), a receptividade a essas técnicas é muito boa."
68. "Na avaliação da disciplina, que foi feita junto à eles no final do semestre, muitos fizeram referências ao quanto as técnicas de Dinâmica de Grupo utilizadas contribuíram para a aprendizagem dos conteúdos da disciplina."

69. "Segundo eles, estas técnicas auxiliaram para que eles aprendessem, sem "sentir", de uma forma atraente, sem ser "aquela coisa" monótona, do professor falando e os alunos ouvindo."...
70. ..."mencionaram a expectativa que existia quanto à técnica que seria utilizada na aula seguinte e o quanto as aulas eram **dinâmicas**."
73. "Esse ponto em particular, também foi registrado nas avaliações, já que os alunos mencionaram o fato de terem se conhecido melhor e inclusive melhorado a dinâmica de funcionamento da classe como um todo."
76. "Sinto que neste caso, o desgaste para o professor è muito maior, com momentos de cansaço que vão se tornando bastante freqüentes com o passar do tempo."
77. "O "domínio" de técnicas de Dinâmica de Grupo me parece de fundamental importância."...
88. "Tem dado mais certo assim em meu caso. Os alunos têm apreciado as aulas pelo conteúdo, pela capacidade de fazer pensar, mais do que por alguma técnica."
90. ..."Cabe destacar que não utilizo somente estas técnicas como recursos e também não as utilizo em todas as aulas; somente quando as julgo necessárias."

Aqui podemos destacar as exigências vividas pelo professor quando da utilização de métodos mais tradicionais de ensino-aprendizagem, tais como aulas expositivas, avaliações semanais e por escrito dos conteúdos abordados, o que com o passar do tempo implica em um desgaste grande por parte do professor.

Também podemos destacar a metodologia que se utiliza de técnicas grupais, que tem recebido feedbacks positivos, tanto por parte dos professores quanto por parte dos alunos. Isto se refere não só à aprendizagem dos alunos,

mas também em relação as próprias relações interpessoais que melhoram o funcionamento da classe como um todo.

4. Espontaneidade e Criatividade

Síntese das Unidades de Registro

(32, 37, 47, 81)

32. "Estas técnicas, para mim, significam uma possibilidade de despertar nos alunos o seu potencial reflexivo e criativo."
37. " O significado que estas técnicas têm para mim é muito grande pois são ferramentas indispensáveis para desenvolver a criatividade dos alunos."...
47. "Considerando o movimento dialético do processo de ensino-aprendizagem, penso que as técnicas de Dinâmica de Grupo, especialmente as técnicas psicodramáticas, permitem o aparecimento do novo, do espontâneo, do pitoresco, enfim, da criatividade."
81. ... " promovendo a espontaneidade e a criatividade"

A utilização de técnicas grupais provoca nos alunos a oportunidade de exercitarem em ambiente protegido, diversas possibilidades de respostas novas às velhas questões, e/ou de respostas novas às novas situações vividas junto ao seu grupo de sala de aula, com vistas a prepará-los para uma melhor localização pessoal e de sua futura vida profissional.

É a presença da espontaneidade que conduz à criatividade dos atores envolvidos no processo de ensino- aprendizagem.

5. Vivências Teóricas e Práticas

Síntese das Unidades de Registro

(8, 19, 25, 34, 35, 45, 55, 57, 63, 71, 79, 82)

8. “Assim, falar de poder, cooperação/competição, liderança, tomada de decisões, dentre outros temas, sem o respectivo respaldo que a reflexão acerca de uma prática é capaz de conduzir, torna o conteúdo bastante estéril e até distanciado(infelizmente!) da realidade de um 2º ano de graduação. Além disso, a responsabilidade dos membros pela produção de determinado grupo é, em si, muito importante para a prática profissional de qualquer curso, e em especial, num curso de Psicologia.”
19. “Acredito que as técnicas de Dinâmica de Grupo e psicodramáticas são importantes na sala de aula porque: aumentam a emergência de produtos associativos entre a bagagem experiencial do aluno e o “objeto” com o qual ele está entrando em contato.”
25. ...“No futuro, eles talvez possam se utilizar destes recursos em outros contextos de intervenção profissional.”
34. ...“Para quem está trabalhando com a formação de profissionais, tais recursos possibilitam uma vivência de tais profissões.”...
35. ...“enfim, acredito que esses recursos inserem nos alunos a sua responsabilidade pela sua própria formação.”
45. “Fazem o papel de verdadeiras pontes entre o estudante e o objeto de conhecimento.”
55. “favorecem o contato com o concreto, com o real – não apenas o “teórico”; funcionam como estratégias de aprendizagem ‘indireta’ de papéis profissionais: ao trabalhar em grupo, e utilizar técnicas que o psicólogo utiliza na prática profissional, estou “demonstrando” como o psicólogo trabalha com grupos, mesmo em disciplinas teóricas. Por isto,

sempre ao final da técnica, comento como a mesma pode ser utilizada pelo psicólogo em situações profissionais;"...

57. ... "as estratégias "de ensino" funcionam como "currículo oculto", permitindo aprender que ser psicólogo é ser um trabalhador social, e não apenas(nem principalmente) um trabalhador em díade, 'face a face'."
63. ..."treinar futuros papéis(no caso do Aconselhamento Psicológico – papel do conselheiro)."
71. "No 2º semestre, senti uma certa diferença. (...) Nesse momento, embora tenha procurado usar também técnicas de Dinâmica de Grupo, sinto que o envolvimento foi menor. Acredito que os textos usados em algumas delas (...) não tenha sido tão interessante. Em outras, (...) acredito que o tema proposto para a conversa não tenha sido tão motivador. Penso que a minha pouca familiaridade com os assuntos nesse contexto, também tenha contribuído."
79. "Sim. Utilizo-me essencialmente de técnicas de Dinâmica de Grupo e de Jogos dramáticos em minha disciplina. Por ser ela, Dinâmica dos Grupos e Relações Interpessoais, com parte prática e teórica, as técnicas citadas acima fazem parte integrante do programa tanto na prática como na teórica."
82. Na parte teórica também são utilizadas técnicas pedagógicas grupais, não só com o objetivo de explorar a teoria, como também de trabalhar as relações grupais e o desenvolvimento do sentido de equipe, que muito os auxiliará em sua futura vida profissional."

Esta categoria inclui não só a adequação na seleção e emprego das técnicas grupais a serem utilizadas, buscando a articulação entre a teoria e a prática dentro de uma dada disciplina, mas também a articulação entre a teoria e a prática no que se refere ao pensar outros grupos sociais, a sociedade

de uma forma mais totalizante e sobretudo o papel profissional diante da realidade que está posta.

É a possibilidade de entrar em contato com o concreto, com o objeto do conhecimento, com o real, que vai além da teoria construída e construtora da prática, em um movimento dialético.

6. Construção Coletiva do Conhecimento

Síntese das Unidades de Registro

(7, 10, 14, 17, 23, 24, 30, 33, 38, 44, 50, 52, 59, 64, 89, 91)

7. ... "acredito que sua construção só possa ocorrer caso os alunos estejam vinculados a uma tarefa grupal, a partir da qual vivenciem situações e/ou realizem estudos de caso, de onde seja possível fazer emergirem tais conceitos."
10. "Por acreditar no potencial pedagógico que representam, bem como na necessidade de que o conhecimento seja sempre uma construção, faço uso de técnicas de Dinâmica de Grupo sempre que o tema permite,"...
14. Via de regra, cuido para que o enquadre seja bem compreendido por todos, buscando caracterizar a situação como de aprendizagem(muitos alunos pensam que a introdução destas técnicas é alguma coisa lúdica, motivacional e só)."
17. ..."Reparo nos modos de participação que se instalam nestes contextos e acredito que as técnicas oportunizam uma abordagem menos tipificadora do real e modalidades discursivas que favorecem mais a negociação de significações entre os participantes."
23. "Melhora a possibilidade de que os conteúdos sejam significativos para os alunos, fiquem na memória e sejam objeto de reflexão"
24. ..."os alunos entram em contato com o "avesso das técnicas: processo de escolha, modos de leitura do que vai ocorrendo, enquadre e etc."

30. ...“em Ética Profissional, busco deixar a disciplina bastante atraente, desta forma os alunos se reúnem em grupos para refletir sobre determinados temas e em muitas vezes acabam por dramatizar situações que gostariam de ver discutidas.”...
33. ...“Acredito que, para além dos textos trabalhados, a utilização desses recursos possibilitam a apreensão e assimilação dos conteúdos trabalhados, sejam eles conceituais ou temáticos.”...
38. ...“também é através delas que consigo perceber o que meu aluno traz de “novo” ou de “senso comum” que precisa ser superado.”
44. ...“também é através delas que consigo perceber o que meu aluno traz de “novo” ou de “senso comum” que precisa ser superado.”
50. “Quanto ao significado, vários aspectos a apontar: técnicas grupais facilitam a aprendizagem, tanto conceitual quanto técnica e de atitudes;”...
52. ...“permitem que os alunos assumam papel mais ativo no processo, de construtores da própria aprendizagem;”...
59. ...“considero “grupo”, como “ética”, algo que deve ser ensinado/aprendido não apenas em uma disciplina específica, mas em todo o currículo de formação do psicólogo.”
64. ... maior fixação (memorização) e compreensão dos conceitos.
89. “Sim. São técnicas que funcionam como instrumentos facilitadores no processo de aquisição e construção do conhecimento. Não as utilizo como técnicas com fim em si mesmas, ou seja, são recursos para atingir os objetivos da aprendizagem e processo de ensino em geral (construir conhecimento, etc.)”
91. ...”Além do que, vale lembrar que o ensino de Psicologia por mim, tem sido tarefa acadêmica em diferentes cursos do ensino superior, que têm com isso objetivos diferentes e diversificados; tenho procurado valorizar o

referencial teórico e utilizo técnicas de trabalho e processo grupal como instrumento facilitador.”

Palco onde teorias, temas, conceitos, podem ser questionados, des-construídos, re-construídos, re-significados, apreendidos, generalizados para outros contextos, articulados com maior amplitude e sobretudo, facilitando que os alunos sejam construtores de sua própria aprendizagem, responsabilizando-se de forma mais ativa por este processo.

7. Aplicação em Disciplinas Teóricas

Síntese das Unidades de Registro

(3, 6, 29, 67, 75, 85)

3. “Normalmente uso a aula expositiva, após leitura prévia, que nem sempre é feita, de textos.
6. “Sim, eu utilizo técnicas de Dinâmica de Grupo em minha prática docente junto aos alunos do 2º ano de Psicologia. Por tratar-se de disciplina teórica(“Dinâmica Organizacional e Institucional”), onde há necessidade de que o aluno domine uma série de conceitos,”...
29. Sim, (...) eventualmente me utilizo destes procedimentos, tendo em vista que as disciplinas que ministro, em sua maioria são teóricas, raras são as vezes que consigo lançar mão destes recursos.”
67. “No 1º semestre, o conteúdo da disciplina envolvia tópicos como Liderança, Papéis, Comunicação, Motivação, Trabalho em Grupo e as técnicas estiveram bastante adequadas envolvendo muito os alunos.”
75. “A aula expositiva exige outro tipo de envolvimento do professor, além de recursos que vão desde o tom de voz, mobilidade em sala, boa dose de paciência e uso de materiais didáticos diversificados como vídeos, quando o assunto assim o permite.”

85. "Mas muitas vezes dou aulas tradicionais, expositivas."

Parece que o caráter eminentemente teórico de uma dada disciplina, ao mesmo tempo que é razão suficiente para o emprego de técnicas grupais por alguns professores, apresenta-se como um complicador para um outro professor, que se apoia nessa característica teórica para justificar o não emprego de técnicas de Dinâmica de Grupo e Psicodramáticas enquanto recursos didáticos em sua prática docente.

8. Recursos Didáticos Diversificados

Síntese da Unidades de Registro

(2, 5, 13, 15, 22, 27, 28, 31, 36, 40, 43, 58, 60, 61, 83)

2. "...e não conheço nenhuma técnica de Dinâmica de Grupo ou Psicodramática para grande número de alunos.
5. ... "gostaria de pedir sua ajuda, caso tenha técnicas de Dinâmica para classes com 80/100 alunos(e no espaço físico que você bem conhece: classes pequenas ou tipo anfiteatro – Campus I)."
13. ..."Sempre que possível, utilizo jogos, role-playing, vivência de situações paradigmáticas, autoscopia, variações de situações de aquário, jogo dramático e psicodrama pedagógico(Romaña)."
15. ..."Sempre que possível, tem gente na classe que fica no papel de observador ativo. Em algumas situações fazemos registros do vivido, sobre o qual algum nível de recursividade ocorre."
22. ..."Uso a matriz do Bronfenbrenner, de qualidade de trocas ou então o modelo da relação de ajuda do Karkuff para refletir com a classe sobre o que a gente vai vivendo."
27. "Sim, eu uso técnicas psicodramáticas; Dinâmica de Grupo não.

28. "As técnicas de minha preferência e que, me parece, têm uma indicação por excelência, são as chamadas básicas e principalmente as de inversão de papéis, duplo e espelho." A inversão de papéis, entre outras vantagens, permite ao aluno/terapeuta tomar contato com o paciente introjetado ou internalizado. A do espelho possibilita ao aluno/terapeuta se ver de fora e poder corrigir-se ou achar novos caminhos. A do duplo deve ser usada com parcimônia e cuidados especiais, pois são mensagens emitidas ao inconsciente do aluno.
31. "a dramatização é sempre uma sugestão minha, que os alunos gostam e se envolvem."
36. "Utilizo técnicas de Dinâmica de Grupo em todas as minhas salas de aula(3ª e 4ª séries do curso de Psicologia e 1ª série dos cursos de Pedagogia e Educação Especial)."
40. "Sim, em situações de treinamento de funcionários em alguns campos de estágio."
43. "Porém, como recurso didático, elas não são usadas.
58. ... "Uso técnicas grupais e psicodramáticas também para avaliação"
60. "Não. Aulas teóricas expositivas; seminários; palestras com professores convidados ou alunos do doutorado/ mestrado; grupos de discussão de texto."
61. "Utilizo técnicas de dramatização e "role-playing" no 3º e no 4º ano."
83. "Com certeza não utilizo de técnicas psicodramáticas em minha prática docente. Não que seja contra. É que não as domino, só isso. Quanto a técnicas de Dinâmica de Grupo. tenho dúvidas pois tudo pode ser considerado técnica de Dinâmica de Grupo, não?"

Esta categoria diz respeito não só ao desconhecimento de técnicas para grandes grupos e a falta de domínio de técnicas de Dinâmica de Grupo e Psicodramáticas, como também ao emprego das mesmas tanto em situações

de treinamento de funcionários, quanto em sala de aula enquanto recurso didático do professor.

Menciona-se o emprego de outros recursos didáticos disponíveis (técnicas e materiais), tais como: jogos, autoscopia, observação ativa, inversão de papéis, duplo, espelho, dramatizações, registro do vivido, Matriz de Bronfenbrenner (qualidade de trocas), Modelo de Kakuff (relação de ajuda), seminários, palestras e grupos de discussão.

5.3. Interpretação dos Dados

Entendendo que a partir deste momento, tendo cumprido todos os passos requeridos em direção ao que esta pesquisa poderá revelar, passarei à interpretação dos dados já organizados em um cenário mais amplo, construído e subsidiado pelos valores expressos pelos professores em seus discursos.

5.3.1. Em Relação ao Psicodrama

Com base nos quinze depoimentos respondidos, oito deles se utilizam de técnicas Psicodramáticas, (7 destes depoimentos também fazem uso de técnicas de Dinâmica de Grupo) e um deles (depoimento 4), o professor é supervisor de Psicodrama no Instituto de Psicologia. Nos demais depoimentos, três professores não se utilizam de técnicas Psicodramáticas e quatro registros sequer mencionam sua utilização (3 destes últimos usam técnicas de Dinâmica de Grupo).

Em relação às técnicas Psicodramáticas empregadas no exercício docente, destacam-se o Role-Playing (em 3 depoimentos), os Jogos Dramáticos (2 depoimentos), além das técnicas básicas do Psicodrama como inversão de papéis, duplo, espelho e Psicodrama Pedagógico (referencial de Romãña).

Cabe ressaltar que a utilização do Teatro Espontâneo enquanto recurso didático(método e técnica de ação) não foi mencionada.

A síntese das Unidades de Registro que compõem a categoria **Espontaneidade e Criatividade**, um dos pilares do Psicodrama, foi indicado por depoimentos de professores que não são Psicodramatistas de formação e que registraram a presença destes elementos constitutivos de suas atuações docentes, a partir do emprego de técnicas de Dinâmica de Grupo tão somente.

Neste sentido, cabe a ressalva do alcance importante que o emprego de técnicas grupais proporciona para o processo de ensino-aprendizagem, na medida em que cria novas possibilidades(e em ambiente protegido), para os alunos criarem alternativas para trabalhar as questões de seu interesse.

Sendo assim, o Psicodrama não reserva para si a exclusividade dos conceitos de espontaneidade e criatividade, que compõem um de seus pilares, uma vez que há diversas técnicas grupais que favorecem a espontaneidade e a criatividade e não podem ser consideradas Psicodrama.

Entendo também que o emprego de técnicas próprias do referencial Psicodramático, exige uma formação específica do profissional na área, domínio este, que apenas os professores que fazem Psicodrama enquanto especialização é que conseguem generalizar para o contexto pedagógico.

A partir deste momento, retomo os objetivos propostos para esta pesquisa, sem a pretensão de esgotar as discussões apenas esboçadas e que certamente, ainda serão alvo de aperfeiçoamento.

Em relação ao primeiro objetivo, o de verificar se os professores do Instituto de Psicologia e Fonoaudiologia da Puc-Campinas (IPF), que compõem a amostra pesquisada, se utilizam ou não de técnicas de Psicodrama e técnicas de Dinâmica de Grupo, enquanto recursos didáticos para proceder o ensino de suas disciplinas, a análise de conteúdo pôde revelar que há um predomínio de recursos que se utilizam de técnicas grupais, embora ainda existam as

tradicionais aulas expositivas, muitas vezes necessárias, enquanto substrato para a construção do conhecimento.

Em relação ao segundo objetivo que visa interpretar, a partir do que emergiu dos depoimentos dos professores pesquisados, qual é o significado da utilização do Role-Playing, Teatro Espontâneo, Jogos Dramáticos e Dinâmica de Grupo enquanto estratégias didáticas, explicita-se a partir da análise dos depoimentos, que há o reconhecimento do potencial favorecido e despertado no grupo, quando do emprego destes recursos.

É importante ressaltar, que Teatro Espontâneo é a proposta original de Moreno; é o Teatro do Improviso; quem faz Psicodrama faz o tempo todo Teatro Espontâneo, caso contrário não está fazendo Psicodrama... poderá estar se utilizando de alguma técnica grupal que se utiliza de dramatizações. Nem toda dramatização é Psicodrama, mas todo Psicodrama pressupõe a etapa da dramatização.

Nesse sentido, parece também haver algum equívoco teórico por parte de alguns professores, que mencionam em seus depoimentos o emprego de dramatizações como sinônimo de Psicodrama. Ou estariam estes professores, fazendo Psicodrama sem saberem que estão?

Em relação ao terceiro e último objetivo, que é o de averiguar como estes recursos estão sendo veiculados na prática docente, no intuito de contribuir com o processo de ensino-aprendizagem de Psicologia no referido Instituto, penso que temos um quadro representativo de um ensino preocupado com o desenvolvimento, construção e preparo do aluno e futuro profissional, com base na leitura da realidade que está colocada e que precisa ser transformada.

Não sei se é demais supor que, a concepção do curso de Psicologia que baliza a estrutura de ensino montada até então, rumo à uma formação conseqüente, ética e comprometida com a transformação social, acaba por exigir constantemente dos seus docentes, atualizações e revisões no exercício

de seus diversos papéis: papel de psicólogo, papel de professor, papel de educador, papel de cidadão, em busca de um ensino e de uma sociedade mais concatenados com os princípios democráticos de co-participação, ... que também são bem vindos dentro das salas de aula.

5.3.2. Em Relação à Dinâmica de Grupo

Com base nos quinze depoimentos que foram respondidos pelos professores pesquisados, pode-se detectar que em relação à utilização de técnicas de Dinâmica de Grupo, onze depoimentos registram que fazem uso das mesmas (três dos quais os professores ministram a disciplina de Dinâmica dos Grupos e Relações Interpessoais) e seis depoimentos registram não se utilizarem de tais técnicas. Destaco para posterior discussão, dois depoimentos que registram tanto a utilização como a não utilização destes recursos, e que foram considerados pela autora a título de apreciação.

A visualização destes dados, aponta para um predomínio, de professores que se utilizam dos recursos didáticos fornecidos pela Dinâmica de Grupo em relação aos professores que não se utilizam destes recursos, e as condições, justificativas e frequência do emprego ou não dos mesmos são diversas.

A análise de conteúdo revelada através destes depoimentos, pode fazer emergir um elevado número de Unidades de Registro relativas às categorias **Relações Interpessoais** e **Construção Coletiva do Conhecimento**.

No que se refere às Relações Interpessoais, há um reconhecimento, por parte destes professores pesquisados, de que o trabalho com técnicas grupais é instrumento facilitador do desenvolvimento e crescimento grupal, na medida em que há a possibilidade de uma abordagem do potencial das relações intra e intergrupais, envolvendo a totalidade dos alunos: o sentir, o pensar e o agir.

A **Construção Coletiva do Conhecimento** indica ser um convite à co-responsabilidade no processo de ensino-aprendizagem, propiciando aos alunos

tornarem-se agentes construtores de um saber, que necessariamente precisa ser generalizado para outros contextos de vida.

Também registra-se um elevado número de Unidades de Registro na categoria **Recursos Didáticos Diversificados**, revelado por depoimentos que em grande parte se utilizam de técnicas de Dinâmica de Grupo. Estes dados mostram que os professores têm buscado combinar outros recursos didáticos como facilitadores da aprendizagem em sala de aula.

A categoria **Vivências Teóricas e Práticas** pode justificar a dificuldade encontrada por alguns professores, no que se refere à adequação das técnicas grupais articuladas à teoria, não só dentro de uma dada disciplina, mas também em relação a articulação entre teoria e prática no que se refere ao pensar outros grupos sociais, a sociedade de uma forma mais totalizante e sobretudo o papel profissional diante da realidade que está posta.

Aqui aproveito para resgatar os dois depoimentos que destaquei no início deste trabalho para as considerações que entendo serem necessárias.

Em um dos depoimentos (depoimento 7), o professor faz menção de que não se utiliza de técnicas de Dinâmica de Grupo enquanto recurso didático, porém, utiliza-se do mesmo recurso em alguns campos de estágio. Depreende-se deste discurso um conteúdo que explicita uma certa desarticulação, por parte do próprio professor, do que significa um campo de estágio (considerado como atividade docente), pelo menos dentro da estrutura de curso concebida pelo Instituto de Psicologia e Fonoaudiologia da PUC-Campinas.

Neste sentido, penso que muitas vezes a não articulação entre a teoria e a prática, passa primeiro pela dicotomia que reside em concepções fragmentadas dos próprios professores mais do que na inadequação de técnicas para esse fim.

Em outro depoimento destacado para análise (depoimento 12), o professor se utiliza de técnicas de Dinâmica de Grupo, com turmas de 45 alunos e em disciplina onde os temas a serem trabalhados são mais compatíveis com

o arquivo de técnicas existentes no mercado. Porém, este mesmo professor não se utiliza destes recursos didáticos com classes contendo 70/80/85 alunos.

Nesse sentido, a categoria **Número de Alunos por Turmas/Classes**, corrobora não só este depoimento, mas também os demais, que indicam haver uma variação nas possibilidades oferecidas para o trabalho com técnicas grupais, em função do número elevado de alunos por turmas e devido à própria habilitação e flexibilidade do professor para trabalhar com classes grandes e também com pequenos grupos.

Na categoria **Avaliação dos Diferentes Métodos**, podemos destacar que os métodos mais tradicionais de ensino-aprendizagem, como por exemplo as famosas aulas expositivas, geram um desgaste progressivo nos atores envolvidos na arte de ensinar e aprender.

Em contrapartida, a metodologia que se utiliza de técnicas grupais, tem recebido *feedbacks* positivos, tanto por parte dos professores quanto por parte dos alunos, no que diz respeito não só à aprendizagem mas também em relação às relações interpessoais que melhoram o relacionamento da classe como um todo.

Cabe ressaltar o que ficou explicitado em relação à **Aplicação em Disciplinas Teóricas**. Ao mesmo tempo em que o caráter eminentemente teórico de uma dada disciplina justifica o emprego de técnicas de Dinâmica de Grupo por um professor, configura-se como um fator de impedimento para outro docente, que se apoia nesta característica teórica para justificar a não utilização de técnicas grupais enquanto recurso didático.

As técnicas grupais não existem em si mesmas, e portanto, já que estão a serviço de um conteúdo, nada melhor que uma disciplina teórica para fornecer uma gama elevada de temas para serem trabalhados junto aos alunos, podendo inclusive, facilitar a construção dos conceitos requeridos para a aprendizagem.

Capítulo 6
CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a realização desta pesquisa, o contexto da Universidade, que foi o locus desta investigação, esteve, e ainda está, sendo violentamente transformado a cada dia que passa. Nestes últimos três anos, a PUC - Campinas vem passando por um retrocesso democrático de grande monta.

Primeiro foi o desrespeito às prévias para a reitoria e depois, atitudes autoritárias foram se sucedendo em larga escala. Os professores, alunos e funcionários foram ficando inseguros e sendo lesados em seus direitos que foram histórica e duramente conquistados no seio da luta dos trabalhadores em Educação.

Instaurou-se o fim da democracia interna e do diálogo, o estatuto da Universidade fora ignorado e substituído por um outro estatuto que prioriza o aspecto administrativo em detrimento do aspecto acadêmico.

Foram extintos os departamentos, enquanto mais um espaço construído coletivamente para as trocas pedagógicas, e o golpe se completa, com seu tiro de misericórdia, com as reestruturações curriculares nos diversos cursos por força das exigências da Lei de Diretrizes e Bases para a Educação (LDB).

O Curso de Psicologia não está fora destas iniciativas e sofre os reflexos das medidas que estão sendo duramente implementadas. Exemplo disto é a supressão das disciplinas optativas que são oferecidas aos alunos do último ano da graduação, dentre elas as duas disciplinas de Psicodrama e a fragmentação da disciplina de Dinâmica dos Grupos e Relações Interpessoais, uma vez que as diretrizes curriculares definem que as disciplinas devam ser semestrais e não anuais como até então vêm se processando.

Neste sentido, quero nestas minhas considerações finais, retomar o título deste trabalho - **Psicodrama e Dinâmica de Grupo: Re-criando possibilidades**

para o Ensino de Psicologia na Universidade e, muito mais do que apresentar conclusões, caminhos e sugestões para a Psicologia e seu Ensino, compartilhar com o leitor uma pequena reflexão, que mesmo correndo o risco de ser precária, adota um caminho que possa ser mais abrangente e que, dependendo de seu rumo, poderá contribuir para o Ensino na Universidade como um todo e não só para a Psicologia.

Estamos vivendo profundas transformações na sociedade atual e a Universidade precisa repensar seu papel e sua função nesta sociedade. Muito mais do que superar seus aspectos formais e organizativos que possam estar assentados em uma concepção de Universidade ultrapassada, a reflexão precisa aprofundar-se em questões relativas à uma redefinição de sua identidade e à verdadeira função da educação na sociedade contemporânea.

Isto posto, quais são então os caminhos para a Universidade?

Talvez existam vários e é desejável que existam, mas o caminho só se faz caminhando e avaliando as experiências da trajetória percorrida.

Penso que a Universidade não pode e não deve abandonar a pesquisa e a extensão, enquanto funções centrais e articuladas ao ensino, e que a Universidade tem o dever de trilhar os caminhos da emancipação humana. E é este um caminho possível para quem vive em tempos neoliberais que prezam os ditames da economia de mercado e do lucro?

E o Psicodrama e a Dinâmica de Grupo? Como podem contribuir com as transformações pretendidas no campo da Educação? Podem ser recursos utilizados para a manutenção de um "status quo" ou para a sua superação e transformação em um âmbito mais geral?

Estas práticas grupais são, em minha opinião, bastante potentes e o perigo pode estar nas mãos dos que se instrumentalizam com elas. Não sejamos ingênuos em achar que só os defensores da democracia e justiça sociais,

enquanto plataforma político-ideológica, é que estão gozando de exclusividade no exercício destas práticas.

Até que me provem o contrário, defendo a posição de que tanto o Psicodrama quanto a Dinâmica de Grupo devam estar, juntamente com outros saberes, comprometidos com a transformação e emancipação do homem.

BIBLIOGRAFIA

1. AGUIAR, M. (coord.). 1990. **J.L. Moreno: O Psicodramaturgo**. São Paulo: Casa do Psicólogo.
2. AGUIAR, M. 1988. **Teatro da Anarquia – Um Resgate do Psicodrama**. Campinas: Papirus.
3. AGUIAR, M. 1989. Moreno e seu projeto científico: um balanço. In: Vários autores. **J. L. Moreno: O Psicodramaturgo**. São Paulo: Casa do Psicólogo.
4. AGUIAR, M. 1990. **O Teatro terapêutico: escritos Psicodramáticos**. Campinas: Papirus.
5. AGUIAR, M. 1994. As diferentes focalizações na prática do psicodrama. In: Vários autores. **Rosa-dos-ventos da teoria do psicodrama**. São Paulo: Ágora.
6. AGUIAR, M. 1998. **Teatro espontâneo e psicodrama**. São Paulo: Ágora.
7. ALMEIDA, P. N. 1973. **O ensino globalizante em dinâmica de grupo**. São Paulo: Saraiva.
8. ALMEIDA, W. C. & GONÇALVES, C. S. & WOLFF, J. R. 1988. **Lições de Psicodrama- Introdução ao Pensamento de J. L. Moreno**. São Paulo: Ágora.
9. _____. 1988. **Formas do Encontro: psicoterapia aberta**. São Paulo: Ágora.
10. _____. 1990. **Moreno: encontro existencial com as psicoterapias**. São Paulo: Ágora.
11. ALMEIDA, W. C. (org.). 1999. **Grupos – A proposta do Psicodrama**. São Paulo: Ágora.

12. _____.1982. **Psicoterapia Aberta: o método do Psicodrama**. São Paulo: Ágora.
13. _____. 1990. **O que é Psicodrama**. São Paulo: Brasiliense.
14. ALVES, L. F. R. 1994. **O protagonista: conceito e articulações na teoria e na prática**. Revista Brasileira de Psicodrama. v. 2, fascículo I.
15. AMADO, G. e GUITTET, A A . 1978. **Dinâmica da Comunicação nos Grupos**. Rio de Janeiro: Zahar.
16. ANDREOLA, B. 1986. **Dinâmica de Grupo: Jogo da Vida e Didática do Futuro**. Petrópolis: Vozes.
17. ANTUNES, C. 1991. **Manual de técnicas de dinâmica de grupo de sensibilização, de ludopedagogia**. Petrópolis: Vozes.
18. ARANTES, V. J. 1993. **Ação Psicodramática em Sala de Aula**. Campinas, SP. Universidade Estadual de Campinas- Faculdade de Educação. Tese de Doutorado.
19. BARDIN, L. 1977. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70.
20. BARRETO, M. F. 1994. **Dinâmica de Grupo: Alguns Dados Históricos e o Processo de Ensino-Aprendizagem**. Dissertação de Mestrado. Campinas: Instituto de Psicologia e Fonoaudiologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.
21. _____. 1994. **Pesquisa sobre Grupos: publicações em dois periódicos brasileiros nos últimos anos**. Mimeo
22. _____. 1999. **Psicólogos: a formação e o exercício profissional**. Tese de Doutorado. Campinas: Instituto de Psicologia e Fonoaudiologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.
23. BEAL, G. M. ; BOHLEN, J. M. e RAUDABAUGH, J. N. 1965. **Liderança e dinâmica de grupo**. Rio de Janeiro: Zahar.
24. BOAL, A . 1985. **200 exercícios e Jogos para o Ator e o Não Ator com Vontade de Dizer Algo Através do Teatro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

25. BRITO, D. J. 1998. **Astros e ostras**. São Paulo: Ágora.
26. BUCHBINDER, M. J. 1996. **A poética do desmascaramento: os caminhos da cura**. São Paulo: Ágora.
27. BUSTOS, D. M. 1975. **Psicoterapia psicodramática**. Buenos Aires: Editorial Paidós.
28. BUSTOS, D. M. 1979. **O Teste Sociométrico: Fundamentos, técnicas e aplicação**. SP: Brasiliense.
29. _____ . 1992. **Novos rumos em psicodrama**. São Paulo: Ática.
30. BUSTOS, D. M. e COL. 1982. **O psicodrama: aplicações da técnica psicodramática**. São Paulo: Summus Editorial.
31. CARTWRIGHT, D. e ZANDER, A 1967. **Dinâmica de Grupo: pesquisa e teoria**. São Paulo: Ed. Herder.
32. COSTA, R. C. 1980. **Psicodrama: uma perspectiva metodológica para educação**. Bauru: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Sagrado Coração de Jesus. Dissertação de Mestrado.
33. CUKIER, R. 1992. **Psicodrama Bipessoal**. São Paulo: Ágora.
34. CUSCHNIR, L.(org.). 1996. **J. L. Moreno - Autobiografia**. São Paulo: Saraiva.
35. DINIZ, G. J. R. 1995. **Psicodrama Pedagógico e Teatro Educação - seu valor psicopedagógico**. São Paulo: Ícone.
36. FERREIRA, A B. de H. 1986. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
37. FERREIRA, Windyz. B. 1993. **Psicodrama e Educação – Uma proposta educacional para o redimensionamento das relações humanas**. Campinas, SP. Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, Faculdade de Educação. Dissertação de Mestrado.
38. FONSECA FILHO, J. S. 1972. **Correlação entre a teoria psicodramática de Jacob Levy Moreno e a Filosofia dialógica de Martin Buber**. São Paulo, USP. Faculdade de Medicina. Tese de Doutorado.
39. _____ . 1980. **Psicodrama da Loucura**. São Paulo: Ágora.

40. _____. 1989. Memórias de Beacon e outras memórias. In: Vários autores. **J.L.Moreno: O Psicodramaturgo**. São Paulo: Casa do Psicólogo.
41. FONSECA FILHO, J. S. 1998. **Os papéis de Colonizado e Colonizador. Por uma Identidade do Psicodrama Brasileiro**. Revista Brasileira de Psicodrama, vol.7, nº1.
42. FRITZEN, S. J. 1984. **Jogos dirigidos para grupos, recreação e aulas de educação física**. Petrópolis: Vozes.
43. _____. 1987. **Relações Humanas interpessoais**. Petrópolis: Vozes.
44. _____. 1987. **Treinamento de líderes voluntários**. Petrópolis: Vozes.
45. _____. 1986. **Exercícios práticos de dinâmica de grupo**. Petrópolis: Vozes. 2 vols.
46. GARRIDO MARTIN, E. 1996. **J. L. Moreno: Psicologia do encontro**. São Paulo: Ágora.
47. GOERGEN, Pedro 1999. Universidade: a busca de uma nova identidade. Palestra proferida no Seminário: **“Desafios à Universidade: uma reflexão necessária frente às Diretrizes Curriculares”**, publicação da APROPUC – Associação dos Professores da PUC-Campinas.
48. GONÇALVES, C. S. 1989. Epistemologia do psicodrama: uma primeira abordagem. In: Vários autores. **J. L. Moreno: O Psicodramaturgo**. São Paulo: Casa do Psicólogo.
49. HOLMES,P. e KARP, M. 1992. **Psicodrama: Inspiração e Técnica**. São Paulo: Ágora.
50. HUIZINGA, J. 1980. **Homo Ludens**. São Paulo: Perspectiva.
51. KAPLAN, H. I. e SADOCK, B. J. (orgs.). 1996. **Compêndio de Psicoterapia de Grupo**. Porto Alegre: Artes Médicas.

52. KAUFMAN, A . 1990. **Uma Abordagem Socionômica na Educação Médica**. Revista Brasileira de Psicodrama, ano I, nº 1.
53. _____. 1992. **Teatro pedagógico: bastidores da iniciação médica**. São Paulo: Ágora.
54. _____. 1983. **Contribuição ao Ensino Médico através do Psicodrama**. Revista da Febrap, ano 6, nº 1.
55. KAUFMAN, A e MONTAGNA, P. L. 1990. **Ensino de Psiquiatria Clínica através de Role-Playing**. Revista da Febrap, ano I, Nº 2.
56. KELLERMANN, P. F. 1998. **O psicodrama em foco e seus aspectos terapêuticos**. São Paulo: Ágora.
57. KNOWLES, M. e KNOWLES, H. 1967. **Introdução à dinâmica de grupos**. Rio de Janeiro: Lidador.
58. LANDINI, J. C. 1998. **Do animal ao humano: uma leitura psicodramática**. São Paulo: Ágora
59. LANE, S. T. M. e CODO, W. (org.) 1985. **Psicologia social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense.
60. LAPASSADE, G. 1977. **Grupos, organizações e instituições**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves.
61. LEVETON, E. 1981. **Psicodrama para o Clínico Tímido**. São Paulo: Manole.
62. LEWIN, K. 1973. **Problemas de Dinâmica de Grupo**. Tradução revista por José Paulo Paes, do original em inglês, Resolving Social Conflicts, 1984. 2ª edição. São Paulo: Cultrix.
63. LIMA, L. O . 1971. **Treinamento em dinâmica de grupo: no lar, na empresa, na escola**. Petrópolis: Vozes.
64. LOPES, J. 1981. **Pega Teatro**. São Paulo: Centro de Teatro e Educação Popular(CTEP).
65. MAILHIOT, G. B. 1991. **Dinâmica e gênese dos grupos**. São Paulo: Livraria Duas Cidades.

66. MALTA, J. E. 1975. **Dinâmica de grupo e desenvolvimento de organizações**. São Paulo: Pioneira. 2 vols.
67. MARINEAU, R. F. 1992. **Jacob Levy Moreno – 1889-1974: Pai do Psicodrama, da Sociometria e da Psicoterapia de Grupo**. São Paulo: Ed. Ágora.
68. MENEGAZZO, C. M. 1994. **Magia, mito e psicodrama**. São Paulo: Ágora.
69. MENEGAZZO, C. M., TOMASINI, M. A ., ZURETTI, M. M. 1995. **Dicionário de Psicodrama e Sociodrama**. São Paulo: Ágora.
70. MERENGUÉ, D. 1998. **Turistas, viajantes e desterrados: mapas provisórios para uma incursão psicodramática**. "Escritos Psicodramáticos", 11º Congresso Brasileiro de Psicodrama, Campos dos Jordão, a ser publicado em seus anais e na Revista Brasileira de Psicodrama.
71. MEZHER, A 1980. **Um questionamento acerca da validade do conceito de papel psicossomático**. Revista da Febrap, ano 3º,1.
72. MINICUCCI, A . 1975. **Dinâmica de grupo na escola**. São Paulo: Melhoramentos.
73. _____. 1984. **Dinâmica de grupo: teorias e sistemas**. São Paulo: Ed. Atlas.
74. MONTEIRO, R. F. 1979. **Jogos Dramáticos**. São Paulo: Mc Graw- Hill do Brasil.
75. _____. 1993. **Técnicas Fundamentais do Psicodrama**. São Paulo: Brasiliense.
76. MORAIS, R. 1975. **O que é ensinar?** São Paulo: EPU-EDUSP.
77. _____. 1986. **Sala de Aula: que espaço é esse?** Campinas: Papirus.
78. MORENO, J. D. 1998. Prefácio do livro de KELLERMANN, P. F. **O psicodrama em foco**. São Paulo: Ágora.
79. MORENO, J. L. 1974. **Psicoterapia de grupo e psicodrama**. São Paulo: Mestre-Jou.
80. _____. 1983. **Fundamentos do Psicodrama**. São Paulo: Summus.

81. _____ .1984. **O Teatro da Espontaneidade**. São Paulo, Summus Editorial.
82. _____ . 1984. **Psicodrama**. São Paulo: Cultrix.
83. _____ . 1992. **As Palavras do Pai**. Campinas: Editorial Psy.
84. _____ . 1992. **Quem Sobreviverá?** Goiânia: Dimensão Ed.
85. MORENO, J. L. e ENNEIS, J. M. 1984. **Hipnodrama e Psicodrama**. São Paulo: Summus.
86. MORENO, Z. T. 1975. **Psicodrama de crianças**. Petrópolis: Vozes.
87. MOSCOVICI, F. 1965. **Laboratório de sensibilidade**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
88. MOSCOVICI, F. 1985. **Desenvolvimento interpessoal**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora.
89. MOTTA, J. M. C. (org.). 1995. **O jogo no psicodrama**. Vários autores. São Paulo: Ágora.
90. MOTTA, J. M. C. 1994. **Jogos: Repetição ou Criação?** São Paulo: Plexus.
91. NAFFAH NETO, A . 1979. **Psicodrama: descolonizando o imaginário: Um ensaio sobre J.L. Moreno**. São Paulo: Brasiliense.
92. _____ . 1980. **Psicodramatizar**. São Paulo: Ágora.
93. _____ . 1989. Moreno e seu tempo. In: Vários autores. **J. L. Moreno: O Psicodramaturgo**. São Paulo: Casa do Psicólogo.
94. PERAZZO, S. 1980. **Reflexões de um psicodramatista: o diretor, seu papel e sua integração aos objetivos pedagógicos do grupo de role-playing**. Revista da Febrap, ano 3, Nº 1.
95. _____ . 1986. **Teoria e prática psicodramática se articulam**. **Temas**, ano XVI, nº30/31.
96. _____ . 1994. **Ainda e sempre psicodrama**. São Paulo: Ágora.
97. _____ . 1994. Perséfone e o mendigo: a força iluminadora e a restauração estética do psicodrama. In: Vários autores. **Rosa-dos-ventos da teoria do psicodrama**. São Paulo: Ágora.

98. _____. 1995. O psicodrama no Brasil. In: Vários autores. **25 anos depois: gestalt-terapia, psicodrama e terapias neo-reichianas no Brasil**. São Paulo: Ágora.
99. PICHON – RIVIÈRE, E. 1983. **O processo grupal**. São Paulo: Martins Fontes.
100. PUTTINI, E. F. e LIMA, L. M. S. (orgs.). 1997. **Ações Educativas: Vivências com Psicodrama na Prática Pedagógica**. São Paulo: Ágora.
101. PUTTINI, E. F. et al. 1991. **Psicodrama na Educação**. Ijuí: Unijuí Ed.
102. REVERBEL, O . 1989. **Jogos Teatrais na Escola**. São Paulo: Scipione ed.
103. REVERBEL, O .1979. **O Teatro na Sala de Aula**. Rio de Janeiro: José Olympio ed.
104. Revista da APROPUC, 1998 – Associação dos Professores da PUC-Campinas, ano 1, nº 1.
105. ROJAS-BERMÚDEZ, J.G. 1980. **Introdução ao Psicodrama**. São Paulo: Mestre Jou.
106. ROMAÑA, M. A . 1985. **Psicodrama Pedagógico: Método Educacional Psicodramático**. Campinas: Papirus.
107. _____. 1992. **Construção Coletiva do Conhecimento através do Psicodrama**. Campinas: Papirus.
108. _____. 1996. **Do Psicodrama Pedagógico à Pedagogia do Drama**. Campinas: Papirus.
109. SCHÜTZENBERGER, A A . 1970. **O teatro da vida – Psicodrama, Introdução aos Aspectos Técnicos**. São Paulo: Livraria Duas Cidades:
110. _____. 1978. **Introdução à Dramatização: O sociodrama, o psicodrama e suas aplicações no trabalho social, na empresa, na educação e na psicoterapia**. Belo Horizonte: Interlivros.
111. SERRA, F. 1979. **Jogos e simulações para treinamento e seleção na empresa moderna**. Rio de Janeiro: Ed. de Ouro.
112. SEVERINO, A J. 1985. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez.

113. SILVA, A J. 1982. **Jogos para Treinamento e Educação**. Curitiba: Imprensa Universitária.
114. SILVA, J. M. 1980. **Um programa de dinâmica de grupo e relações humanas – II**. Brasília: Autor.
115. _____. 1979. **Um programa de dinâmica de grupo e relações humanas – I**. Brasília: Autor
116. SLADE, P. 1978. **O Jogo dramático infantil**. São Paulo: Summus Editorial.
117. VOLPE, A J. 1990. **Édipo: psicodrama do destino**. São Paulo: Ágora.
118. WEIL, P. 1967. **Psicodrama**. Rio de Janeiro: CEPa.
119. ZIMERMAN, D. 1997. In: David E. Zimerman, Luiz Carlos Osório [et. al]. **Como trabalhamos com grupos**. Porto Alegre: Artes Médicas.

ANEXO 1

Campinas, 05 de Outubro de 1999

Prezado(a) Professor(a)

É com satisfação que nesse momento me dirijo à você, no intuito de solicitar sua colaboração através de seu depoimento, para a pesquisa que estou realizando como parte integrante de meu programa de Mestrado em Psicologia Educacional pela Universidade Estadual de Campinas-Unicamp.

A pesquisa tem por objetivos:

1. Verificar quais as estratégias de ensino e recursos didáticos que os professores de Psicologia, pertencentes ao Instituto de Psicologia e Fonoaudiologia da Puc-Campinas vêm adotando ao ministrarem suas disciplinas em diferentes graduações em que trabalham ;

2. Verificar se os professores se utilizam ou não, de técnicas de Dinâmica de Grupo e de técnicas Psicodramáticas(Role-playing, Teatro Espontâneo, Jogos Dramáticos), enquanto recursos didáticos para proceder o ensino dos conteúdos exigidos pela(s) disciplina(s) sob sua responsabilidade;

3. Confirmar a utilização do Role-playing, Teatro Espontâneo, Jogos Dramáticos e Dinâmicas de Grupo, como métodos adequados e profícuos de ensino.

Nesse sentido, peço-lhe a gentileza de responder a questão em anexo.

Dada a urgência em obter os depoimentos em função de prazo exíguo para a conclusão da pesquisa, solicito que a devolução de sua colaboração seja colocada em meu escaninho, na sala dos professores, ou se preferir, por correio eletrônico:

Correio Eletrônico: liliana@mpc.com.br

Agradeço antecipadamente sua valorosa contribuição.

Liliana Aparecida de Lima

Professora de Psicologia do Instituto de Psicologia e Fonoaudiologia da
Puc-Campinas – IPF

